

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
Departamento de História



RODRIGO MORAES ALBERTO

**A SAÑA NO IDEAL CAVALEIRESCO IBÉRICO DO FINAL DA IDADE
MÉDIA A PARTIR DA NOVELA “O AMADIS DE GAULA”**

PORTO ALEGRE
7 de Dezembro de 2010

Rodrigo Moraes Alberto

**A SAÑA NO IDEAL CAVALEIRESCO IBÉRICO DO FINAL DA IDADE
MÉDIA A PARTIR DA NOVELA “O AMADIS DE GAULA”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em História,
pelo Curso de História da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Orientador: José Rivair Macedo

Porto Alegre
7 de Dezembro de 2010

Rodrigo Moraes Alberto

A SAÑA NO IDEAL CAVALEIRESCO IBÉRICO DO FINAL DA IDADE MÉDIA A
PARTIR DA NOVELA “O AMADIS DE GAULA”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em História,
pelo Curso de História da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Aprovado em: 07 / 12 / 2010

Conceito: A

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Augusto Costa Avancini – UFRGS

Prof.^a Cybele Crossetti de Almeida – UFRGS

Prof. Dr. José Rivair Macedo (Orientador) – UFRGS

Aos pensadores que ousam sonhar.

AGRADECIMENTOS

Venho a *cá*, por meio destas poucas e burocráticas palavras, demonstrar minha terna e sincera gratidão para algumas pessoas, que sem as quais é bem provável que este trabalho não estivesse aqui.

Agradeço primeiramente ao Prof. José Rivair Macedo, orientador deste trabalho, pela atenção e pelas oportunidades que me foram oferecidas desde o ano de 2007 – quando um já bem decidido “bixo” do curso o foi procurar certo de que entrara na História para estudar Idade Média – além dos conselhos e conversas informais, que vislumbram outra forma de olhar a academia. Não poderia deixar de mencionar minha gratidão ao Prof. Nilton Müllet Pereira, pelas portas abertas, pelo convívio e pelas experiências compartilhadas. Sou *muy grato* também a todos os professores e colegas que contribuíram nesta caminhada.

Da mesma forma, agradeço à Luiza Gil Vargas da Silveira pelo *insano* amor, pela compreensão, pela confiança, pela cumplicidade, pela alegria e pela paciência. *Muy grato soy* também a Tânia Maria Moraes Alberto, minha mãe, Regis Luiz de Fraga Alberto, meu pai, e Aline Moraes Alberto, minha irmã, primordialmente pela paciência e por tornar meus dias mais alegres e divertidos, além da ajuda a qualquer hora no que for preciso.

Aos irmãos e irmãs que estes últimos anos no curso fizeram nascer, manifesto meu honrado regozijo, agradecendo pela acolhida, pela alegria, pelas lutas e conquistas, pela cumplicidade e pelo crescimento que vocês me proporcionaram, além – obviamente – da compreensão, do reconhecimento, do interesse e do apoio constantes às minhas *medievalidades*.

Deixo aqui, por fim, meu terno agradecimento para todos aqueles que compreendem que fitar a ficção e a Idade Média não é uma fuga, mas uma forma de interagir e modificar este nosso mundo surreal.

Viva o louco intento, a fluidez do momento, o livre pensamento.

*“Por qué no ataca el tiburón
a las impávidas sirenas?”
(Pablo Neruda)*

RESUMO

A Igreja cristã classificou a ira, e os atos coléricos em geral, como pecados, ao menos até o séc. XIII, quando os *Sete Pecados Capitais* deixaram de fazer parte da doutrina oficial. Mas aquela classificação cristalizou-se no imaginário medieval e continuou a ser utilizada. Ao mesmo tempo, o ideal cavaleiresco exalta atos de bravura, de provação e o uso da violência muitas vezes com sentido contrário ao que a Igreja prescrevia, encontrando nas novelas de cavalaria um meio de livre difusão. Na Península Ibérica do final da Idade Média, que se destaca pela produção monástica de uma literatura dedicada à compreensão dos pecados e à confissão, é possível conceber diferença tão acentuada? O objetivo proposto neste trabalho é refletir sobre como atos de ira – ou *saña*, ou ainda loucura furiosa – aparecem retratados na literatura novelesca ibérica entre os séculos XV e XVI, sobretudo em “*O Amadís de Gaula*” escrito por Garcí-Ordoñez de Montalvo, cuja primeira versão conhecida foi impressa em Saragoça no ano de 1508. Trata-se de verificar quais valores, concepções e reminiscências estariam ligados aos atos coléricos naquela importante novela de cavalaria, como literatura ficcional e representação que refrata o ideal cavaleiresco, expondo nas tramas e ações de personagens como Amadís, Gandalin, Lisuarte, Arcaláus e Oriana uma maneira particular de entender a ira, não necessariamente arraigada às concepções eclesiásticas ou à idéia de pecado, mas própria do grupo social que originou o romance.

Palavras-Chave: *Amadis de Gaula* – Ideal Cavaleiresco – Ira – *Saña* – Península Ibérica

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	O <i>AMADIS</i> E O IDEAL CAVALEIRESCO IBÉRICO.....	12
2.1	OS MÚLTIPLOS <i>AMADISES</i> E A MATÉRIA DA BRETANHA.....	12
2.2	A VIOLÊNCIA, A CAVALARIA E A FORMAÇÃO DO IDEAL CAVALEIRESCO.....	22
3.	A <i>SAÑA</i> NO MUNDO PENINSULAR.....	28
3.1	VERSÕES DA <i>IRA/SAÑA</i> NO MEDIEVO.....	28
3.2	UMA ANÁLISE DO <i>AMADIS</i>	32
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
5.	FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	47
5.1	FONTES DIGITALIZADAS.....	47
5.2	FONTES IMPRESSAS.....	47
5.3	DEMAIS OBRAS CONSULTADAS.....	47
5.4	BIBLIOGRAFIA.....	47

1. INTRODUÇÃO

Presente em diversos relatos durante todo o período medieval, a ira teve sempre um caráter dúbio. Foi vista como uma virtude ao ser a manifestação necessária da qualidade e da bravura dos guerreiros, tendo sua expressão máxima no ideal cavaleiresco e cortês, difundido em grande parte pelos romances de cavalaria a partir do século XII. Ao mesmo tempo, foi também entendida como algo ruim, negativo, já que iria contra as leis de Deus, e foi condenada pelo seu impulso incontável, desordenado, violento e desequilibrado, que tira o sujeito de si, sendo classificada como um dos “sete vícios capitais” ou “sete pecados capitais”, na doutrina do “setenário”¹. Como estas tendências se moveram pela parcela não religiosa da sociedade medieval? Seria um o discurso de nobres e outro de clérigos? Como entender este vício ambíguo, que por vezes teve suas características negativas acentuadas, e outras ignoradas?

Foram estas questões que me fizeram chegar ao *Amadis de Gaula*, ou “*Los quatro libros del muy esforzado y muy virtuoso caballero Amadís, hijo del Rey Perion de Gaula y de la Reina Elisena*”², que é de longe a novela de cavalaria ibérica que mais fama e difusão alcançou na península e até fora dela – com exceção de Don Quixote, é claro – e mostra-se muito profícua para a análise da questão. A edição mais antiga encontrada até hoje é a publicada no ano de 1508 em Saragoça, elaborada por Garcirodríguez de Montalvo. Existem alusões a uma edição de 1496³, mas até hoje não foi encontrada. Como será exposto posteriormente, sabe-se da existência de fragmentos e resquícios de passagens da história do início do século XV, menções ao *Amadis* se encontram desde meados do século XIV, e sua primeira versão deve ser possivelmente do final do século XIII. O autor da obra original é desconhecido, e já se discutiu muito, acaloradamente, sobre qual seria a origem da obra original: francesa (com pouco crédito atualmente), portuguesa ou castelhana. A novela, por suas concepções gerais, pelo argumento e incidentes, está ligada às narrativas francesas do ciclo bretão e carolíngio, à “matéria da Bretanha”. Mas não foi uma cópia. O *Amadis de Gaula* é mais uma refundição e um florescimento, no espaço ibérico, de uma tendência que tinha na França alcançado seu auge séculos antes, mas de uma forma que lhe é própria e particular,

¹ CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. *Histoire des péchés capitaux au Moyen Age*. Paris: Aubier, 2006.

² Como descrito na capa do primeiro livro, ver Anexo A e B. Uma versão online digitalizada do impresso original de 1526 pode ser encontrada no site da Biblioteca Nacional Portuguesa: <<http://purl.pt/921>>.

³ THOMAS, Henry. *Las Novelas de Caballerías Españolas y Portuguesas: despertar de la novela caballeresca en la Península Iberica y expansión e influencia en el extranjero*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952, pg. 36

quanto ao elemento cavaleiresco e ao elemento sentimental, ao amor e à paixão e às alegorias e simbolismos que se juntam ao maravilhoso céltico⁴, e pela eficácia do desenlace narrativo. *Los quatro libros de Amadis de Gaula* de Montalvo alcançaram uma surpreendente popularidade, sendo reconhecidos em seguida como manual de cavalaria e cortesia, e criaram uma moda literária que dominou a imaginação espanhola durante pelo menos meio século⁵.

Muito já se escreveu sobre *o Amadis*, mas pouco se tratou, nele e em outros romances de cavalaria medievais, de questões como a ira, a *saña* e a loucura furiosa⁶. Em uma escala menor, olhando de perto as situações nas passagens da história que transparecem tais características, mesmo sabendo que está distorcida pela linha tênue entre realidade e ficção presente em uma obra literária, encontramos pistas de como os medievais entendiam tais valores.

Nos períodos a partir da formulação da doutrina dos *Vícios e Virtudes*, no século VI, posteriormente doutrina dos *Sete Pecados Capitais* que se difundiu e se popularizou pela cristandade europeia medieval, convencionou-se tratar a ira e os atos coléricos em geral como pecados, atos graves, segundo o discurso da Igreja cristã. Contudo, percebemos a permanência durante a Idade Média de um ímpeto guerreiro, em que a idealização da violência como dosadora e ordenadora interna do grupo social cavaleiresco é uma de suas características mais estáveis. Com o surgimento da instituição da cavalaria, tal ímpeto vai aos poucos sendo tolhido – resultando, séculos mais tarde, nos *cavaleiros* cortesãos renascentistas. Ainda assim, ideais de valorização dos atos de bravura, da provação, do uso da violência nos deveres do cavaleiro, persistem existindo, e encontram nas novelas de cavalaria espaço de solidificação e profusão, que exaltam freqüentemente valores e atos condenados pela doutrina da Igreja.

Em um período que se destaca pela produção monástica de uma literatura dedicada a compreensão dos pecados e à confissão, como o final da Idade Média, é possível conceber ambigüidade tão acentuada no seio da nobreza Ibérica? Como a ira foi pensada no ideal cavaleiresco deste grupo social nobiliárquico, e estas concepções repassadas através da literatura novelesca característica do mundo Ibérico dos fins da

⁴ MARQUES, F. Costa. Os Problemas do Amadis de Gaula. In: *Amadis de Gaula – clássicos portugueses / trechos escolhidos*. Seleção, tradução e argumento de F. Costa MARQUES. Lisboa: Livraria Clássica, 1942, pg. 15-16.

⁵ THOMAS, *Opus Cit.*, pg. 51.

⁶ Na primeira parte do capítulo 2 tratarei de uma apreciação mais delongada da historiografia da obra.

Idade Média, principalmente em um romance que adquire grande popularidade como *O Amadis de Gaula*? Que influencias de outras concepções sobre a ira mostram-se presentes nas representações do ideal cavaleiresco sobre ela?

A abordagem de fontes provenientes preferencialmente do meio religioso nos estudos sobre os *pecados capitais* e dos atos dito “pecaminosos”, até então, foi o que sempre predominou, inclusive no Brasil.⁷ Penso que esta opção se dá justamente pela dificuldade de perceber mais claramente as concepções sobre estes atos e formas de comportamento em fontes que foram produzidas no meio laico, já que existe uma quantidade muito maior de documentos e fontes religiosas que tratem do assunto, e de forma bem mais direta e descritiva⁸. As novelas de cavalaria, contudo, podem ser fontes frutíferas para se entender a posição e pensamento de outros grupos sociais não diretamente ligados ao corpo institucional da Igreja cristã, principalmente se o objeto em questão for a ira – como valor ou como pecado – pois o cotidiano das tramas estava envolto em situações que incorriam no que podemos chamar de “ira”, e nelas se envolvem os personagens. Mesmo tratando-se de uma literatura ligada ao imaginário e ao ficcional, estas histórias são idealizações, representações do que se passava no cotidiano ou o que se desejava para ele. Inquirir os romances vem a ser uma boa maneira de se entender como os homens do mundo Ibérico dos fins do medievo entendiam seus atos de cólera e como estas diferentes formas de pensá-los se relacionaram, ligados mais à moral religiosa ou ao ideal cavaleiresco. “*O Amadis de Gaula*” se mostra especialmente frutífero pelas características de sua trama e devido aos estudos *amadiseanos* que, até então, nunca exploraram tais aspectos.

O objetivo geral proposto por esta pesquisa é apreender como a ira foi entendida no ideal cavaleiresco da Península Ibérica entre os séculos XV e XVI e, para tanto, pretendo analisar como ela é apresentada no romance “*O Amadis de Gaula*” (usando as edições de 1526 e 1533). Como objetivos específicos, proponho estudar que valores e concepções estariam arraigados aos atos coléricos nesta narrativa; verificar se a valorização de atos bravios e da ira pode estar expressando uma reminiscência de um ideal guerreiro ainda moralmente aceito neste ideal cavaleiresco dos fins do medievo; e delimitar pontos em que esta forma de pensar a ira apresentada no romance mostra

⁷ MACEDO, José Rivair (Org.). *Os Estudos Medievais no Brasil - catálogo de dissertações e teses: filosofia, história e letras (1990-2002)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

⁸ Para análise dos problemas de pesquisa dos pecados capitais sugiro o clássico artigo de Sigfried WENZEL. The seven deadly sins: some problems of research. *Speculum*, vol. 43, 1968, pp. 1-22.

sinais da influência de outras formas de pensá-la do mundo Ibérico do final da Idade Média.

Este trabalho vem a se somar aos estudos que desenvolvo desde o ano de 2007, orientado pelo Prof. Dr. José Rivair Macedo, junto ao projeto de pesquisa “Os Pecados Capitais e a Tradição Ibérica Medieval”⁹. A abordagem específica nos romances de cavalaria se insere no terceiro tópico do projeto, que visa observar os pecados capitais em tipos diferentes de evidências documentais, para além dos manuais de confissão e da literatura didático-moral, tratados nos outros tópicos. O recorte geográfico se dá pela opção do projeto¹⁰.

O uso destes romances como modelos de conduta e a difusão destas novelas poderia explicar a proveniência e difusão social dos valores cavaleirescos. Pois que existiria nesta sociedade duas ou mais grandes correntes ou concepções de pensamento sobre a ira, que conviviam. Os homens ibéricos do fim do século XV e início do século XVI viviam entre uma pesada doutrina de confissão baseada nos sete pecados capitais, difundida pelos religiosos, e um jogo de valores muitas vezes contrários a estes mesmos pecados, difundidos neste “ideal cavaleiresco”.

O trabalho está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. No segundo capítulo, dividido por sua vez em dois sub-capítulos, pretendo trazer discussões sobre a literatura cavaleiresca – em especial do *Amadis* – e sobre a cavalaria, visando esclarecer, compor e enriquecer a idéia de “ideal cavaleiresco ibérico”. Trarei a tona, na primeira parte deste, toda a discussão sobre a obra, a historiografia e os estudos sobre o *Amadis*, os problemas da autoria, composição e circulação da obra, suas edições e continuações e os apontamentos de sua filiação com a matéria da Bretanha e com os romances Arturianos; na segunda parte do capítulo pretendo esboçar o que foi o desenvolvimento e, com o passar dos séculos, a mudança de lugar da cavalaria no mundo medieval, e o que o ideal cavaleiresco e cortês significava aos olhos dos homens do final da Idade Média, principalmente na Península Ibérica. Partindo destas recomposições, no terceiro capítulo pretendo expor as diversas concepções sobre a ira que se verifica durante o período medieval, afim de demonstrar

⁹ Ver: José Rivair MACEDO. *Os Pecados Capitais e a Tradição Ibérica Medieval* – projeto de pesquisa aprovado pelo CNPQ no período 2007-2010

¹⁰ As pesquisas destes anos renderam a publicação de dois artigos – inseridos nas referências finais – e a apresentação em eventos relacionados aos estudos do medievo: o V Encontro Luso-Brasileiro de Estudos Medievais, em Porto Alegre, 2010; o VIII Encontro Internacional de Estudos Medievais em Vitória, 2009; e o I Encontro Estadual de Estudos Medievais / RS, em 2009; além de uma palestra em uma reunião do GT de Estudos Medievais / ANPUH-RS em 2008.

sua pluralidade de sentidos e concepções; e na segunda parte deste capítulo, tenho por intento analisar passagens do *Amadis de Gaula*, apresentando a edição a ser focada e o método de trabalho, de modo a entender a forma com a qual a novela apresenta e entende a ira ou *saña* e a que estas concepções se contrapõem, comparando-a com outros traços da narrativa, imbuída deste ideal cavaleiresco do meio nobre ibérico. Por fim, nas referências finais, retomarei os argumentos e constatações que foram construídos no decorrer dos capítulos, e apontarei alguns caminhos que ainda poderão ser percorridos no estudo destas questões numa obra monumental como é *O Amadis de Gaula*.

2. O AMADIS E O IDEAL CAVALEIRESCO IBÉRICO

O livro em que debruçamos a atenção neste trabalho insere-se numa tendência de discurso literário que é séculos mais antiga que a data de edição da obra, e provém de outros espaços geográficos. Na Península Ibérica do século XV e XVI ressurgiu de forma própria, como veremos. Ao mesmo tempo, a lógica que rege os argumentos e estruturas narrativas não é uma herança apenas literária, sendo necessário uma breve incursão nos traços fundamentais que formaram a idéia de “cavaleiro ideal” nos homens e mulheres do final do medievo. Pensar a novela é entender o ideal cavaleiresco – e suas particularidades ibéricas – que inunda todas as páginas dos *cuatro libros de Amadis de Gaula*.

2.1 OS MÚLTIPLOS AMADISES E A MATÉRIA DA BRETANHA

Tornou-se célebre entre os estudiosos do *Amadis* começar suas explanações sobre a obra citando a famosa passagem de Don Quixote, em que o barbeiro e o cura fazem o *grandre escrutinio* na biblioteca do *ingenioso hidalgo*. Para perpetuar o costume, até porque não tenho a pretensão de ir contra a tradição, me permito fazer o mesmo. Nesta passagem, diz a história:

Y el primero que maese Nicolás le dio en las manos fue Los cuatro de Amadis de Gaula, y dijo el cura:

– Parece cosa de misterio ésta, porque, según he oído decir, este libro fue el primero de caballerías que se imprimió en España, y todos los demás han tomado principio y origen de éste; y, así, me parece que, como o dogmatizador de una secta tan mala, le debemos sin excusa alguna condenar al fuego.

–No, señor – dijo el barbero –, que también he oído decir que es el mejor de todos los libros que de este género se han compuesto; y así, como a único en su arte, se debe perdonar.¹¹

O *cura* estava errado, pois já existia uma versão do *Tirant lo Blanch* impressa em Valência no ano de 1490. A primeira versão que temos hoje em dia conhecido do *Amadis* é de 1508, escrita em castelhano, de Garci-Rodríguez de Montalvo, *regedor* (regente) da vila de Medina del Campo¹². O pouco que se sabe sobre o autor, que não nos deixou outros escritos, provém de referências do próprio texto (nas edições posteriores aparece como Garci-Ordóñez de Montalvo ou como García Gutiérrez de Montalvo). Existem alusões a uma versão de 1496, contudo, não se conseguiu até hoje encontrá-la. Não se sabe ao certo quando o autor escreveu, mas especula-se que o prefácio tenha sido escrito entre 1492 e 1504, pois nele se menciona a tomada de Granada e constam referências a Fernando e Isabel, os “Reis Católicos”. Em bem verdade, Montalvo refundiu a obra, como aparece descrito no texto introdutório que segue ao título do livro:

(...) corregióle de los antiguos originales, que estaban corruptos é compuesto em antiguo estilo, por falta de los diferentes escritores; quitando muchas palabras sepérfluas, e poniendo otras de mas polido y elegante estilo, tocantes á la caballería é actos de ella (...).¹³

O autor enuncia no prólogo da obra que o texto final resulta de uma longa transformação textual, tendo sido construído por vários escritores. Os três primeiros livros, “*que por falta de los malos escritores ó compondores muy corruptos ó viciosos se leian*”¹⁴, foram corrigidos por Montalvo, e continuou o trabalho “*transladando y enmendando el cuarto, com Las Sergas de Esplandian*”. Pouco se sabe, ou quase nada, a respeito do manuscrito primitivo – ou dos vários manuscritos – que teriam dado origem à compilação de Montalvo, restando apenas quatro fragmentos em castelhano de cerca

¹¹ CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Alfaguara, 2004, parte I, capítulo VI, pg. 61.

¹² Para uma discussão sobre o romance, e uma análise da trama, ver o útil capítulo de Henry THOMAS. *Amadís de Gaula y sus continuadores*. In: *IDEM, Las Novelas de Caballerías Españolas y Portuguesas*. Madri: 1952. Para suas origens, e sua inserção na lenda arturiana, ver William J. ENTWISTLE. *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*. Lisboa: INL, 1942. Para um profundo detalhamento, conquanto que desatualizado, das edições do livro e das continuações da “Família dos Amadis”, ver GAYANGOS, Pascual de. “Discurso Preliminar” e “Catálogo Razonado de los Libros de Caballerías Que Hay en Lengua Castellana ó Portuguesa, Hasta el Año de 1800”. In: *Libros de Caballerías*, Biblioteca de Autores Españoles, Tomo XL. Madrid: Atlas, 1950, III-LXXXVII.

¹³ *Amadis de Gaula. Los Quatro Libros del Esforzado et Virtuoso Caballero Amadís, Hijo del Rey Perion de Gaula y de la Reina Elisena*, versão de 1533. In: *Libros de Caballerías*, Biblioteca de Autores Españoles, Tomo XL. Madrid: Atlas, 1950, pg. 1.

¹⁴ *IDEM*, Prólogo.

de 1420, estudados por Rodríguez-Moñino¹⁵, que chegou a conclusão de que as ditas adições do autor do século XVI são mais supressões do que complementações de sua autoria¹⁶.

Muito já se discutiu sobre a origem da obra, como dito na Introdução, de forma que grande parte da historiografia sobre o *Amadis* nisto esteve empenhada. As discussões se delongam principalmente pela falta de argumentos e de provas documentais consistentes. Praticamente todos os autores que escrevem sobre o *Amadis de Gaula* retomam esta discussão¹⁷, um tanto inócua, e me permito aqui retomar uma breve síntese construída por Filipa Medeiros com os principais argumentos de cada uma das versões¹⁸. A hipótese de uma origem externa à Península Ibérica hoje em dia é refutada pela quase totalidade dos pesquisadores. A favor da interpretação espanhola se ressaltam os seguintes argumentos: em primeiro lugar, a edição mais antiga que temos hoje em dia foi impressa em Saragoça, em 1508; em segundo lugar, as alusões mais antigas à obra são de autores espanhóis¹⁹. Pela tese portuguesa, a autora repassa os seguintes argumentos: a referência de Zurara que, pela primeira vez em 1460, se refere a Vasco de Lobeira como autor do *Amadis*²⁰; em segundo lugar, no texto do *Amadis de Gaula* faz-se menção ao infante D. Afonso, que pede que o autor mude o enredo no episódio de Briolanja²¹, fazendo com que o herói passasse a correspondê-la; em terceiro lugar, os lais de Leonoreta estão presentes no *Amadis* e também no *Cancioneiro da*

¹⁵ Antonio Rodríguez Moñino, Agustín Millares Carlo, Rafael Lapesa. *El primer manuscrito del Amadís de Gaula*. Madrid: Imprenta de Silverio Aguirre Torre, 1957, pg. 24. Infelizmente não tive acesso ao artigo, somente pelo artigo de Filipa MEDEIROS. “Historiografia de uma Novela de Cavalaria Peninsular: O *Amadis de Gaula* – Estado da Questão e ‘Bibliografia Comentada’”. *Medievalista On Line*, Ano 2, nº 2. Lisboa: 2006, pg. 2. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>> Acesso em: 11/11/2010. Os quatro fragmentos se encontram hoje em dia na Biblioteca da Universidade da Califórnia, Berkeley. Acessado em: 11/11/2010. Disponível em: <<http://oskicat.berkeley.edu/search~S1/?tAmadis/tamadis/1%2C114%2C199%2CB/frameset&FF=tamadis+de+gaula+fragments&1%2C1%2C/indexsort=->>>.

¹⁶ Um outro artigo a tratar dos fragmentos é o de José Luis PÉREZ LÓPEZ. “Otra noticia del Amadís de Gaula anterior a Montalvo una referência a Beltenebrós”. *Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica*, n.9. Madrid: Editiro Univ. Complut., 1990, pg. 208-209. Acessado em 12/11/2010 e disponível em: <<http://revistas.ucm.es/fil/02122952/articulos/DICE9090110207A.PDF>>

¹⁷ Segundo Ángel Rosenblat, a primeira versão foi possivelmente castelhana – talvez de algum autor ocidental, galego ou português – como prolongamento dos poemas e novelas francesas do ciclo bretão. Argumentos presentes na introdução à sua versão modernizada da obra: *Amadís de Gaula - novela de caballerías refundida y modernizada por Ángel Rosenblat*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1940.

¹⁸ *Opus Cit.*, pg. 2-3.

¹⁹ Canciller Ayala cita *O Amadis*, a na sua obra *Rimado de Palácio* (c. 1380), e Pedro Ferrús, que é o poeta do *Cancioneiro de Baena*, se refere ao *Amadis* em três livros (c. 1371).

²⁰ Esta citação se dá na *Crónica de D. Pedro de Menezes* (livro I, capítulo 63), segundo a autora.

²¹ *Amadis de Gaula, Opus Cit.*, livro I, capítulo XL, pg. 92-94.

Biblioteca Nacional (n^{os} 230 e 232), atribuídos a João de Lobeira, trovador dos reinados de D. Afonso III e D. Dinis.

Segundo a mesma autora, podemos dividir os estudos sobre o *Amadis de Gaula* em quatro grandes fases historiográficas²². A primeira fase, que se estende dos finais do século XIX até meados do século XX, é protagonizada pela historiografia inglesa, francesa e peninsular, com as primeiras abordagens coerentes à obra, tendo ênfase as temáticas de origem da novela (autoria e localização geográfica), as influências e sua língua primitiva; emergem os nomes de Grace Williams²³, Teófilo Braga²⁴, Alexandre Herculano²⁵ e Carolina Michaëlis de Vasconcelos²⁶. Uma segunda fase, entre as décadas de 50 e 60 do século XX, é encabeçada pela historiografia inglesa e peninsular, com um incipiente interesse da historiografia americana, e verifica-se a proliferação dos campos de estudo, com o surgimento de pesquisas relacionadas à temática amorosa e ao maravilhoso na obra; ressaltam-se os trabalhos de Edwin Place²⁷, Rosa Lida Malkiel²⁸ e Rodríguez-Moñino²⁹. Entre as décadas de 70 e 80 do século XX a historiografia entra em uma terceira fase, tendo maior destaque os investigadores espanhóis e americanos. Os estudos da obra se aprofundam, sob novos métodos e perspectivas, dando uma renovação literária e historiográfica aos trabalhos, acompanhados do surgimento de

²² Filipa MEDEIROS. “Historiografia de uma Novela de Cavalaria Peninsular: O *Amadis de Gaula* – Estado da Questão e ‘Bibliografia Comentada’”. *Medievalista On Line*, Ano 2, n^o 2. Lisboa: 2006. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>> Acesso em: 11/11/2010. É um ótimo artigo para se tomar uma visão de conjunto, os problemas de pesquisa da obra, e o que está a ser feito. No artigo a autora indica que o trabalho era parte de uma dissertação de mestrado, que contudo não encontrei e nem tive acesso.

²³ WILLIAMS, Grace. “The Amadis question”. *Revue hispanique*, t. XXI, n^o 59, 1909, pg. 1-167.

²⁴ BRAGA, Teófilo. *História das novelas portuguesas de cavalaria. Formação do Amadis de Gaula*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1873.

²⁵ HERCULANO, Alexandre. “Novellas de cavallaria portuguesas. Amadis de Gaula”. *Opúsculos*, vol. IX, *Literatura*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1873-1908, pg. 87-99.

²⁶ VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. Prefácio a *Romance de Amadis*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1912, pg. 12-41.

²⁷ O autor fez uma edição crítica do *Amadis*: Edwin PLACE. *Amadis de Gaula*. 4 vols. Madrid: CSIC, 1959-1969, com reimpressão em 1971. Também fez um estudo buscando sintetizar as principais pesquisas, com vistas a apreender sua procedência céltica através da onomástica: PLACE, Edwin B. The Amadis Question. *Speculum*, vol. 25, n^o 3. Jul., 1950, pg. 357-366. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2854164>> e acessado em 12/11/2010. Em um outro estudo, teve por propósito determinar a versão primitiva do romance, constatando que o *Amadis* já circulava em Castela entre os anos 1331 e 1350 em um ou dois livros, e em 1371 já era presente em no mínimo três: PLACE, Edwin. “Fictional evolution: the old french romances and the primitive Amadis reworked by Montalvo”. *Publications of the modern language association of America*, vol. LXXI, n^o 3. Junho de 1956, pg. 521-529. Infelizmente não obtive acesso a este último artigo.

²⁸ LIDA DE MALKIEL, Maria Rosa. “El desenlace del Amadis primitivo”. *Romance philology*, vol. VI. 1952-1953, pg. 283-289. Marco de referência aos estudos amadisianos, defende que o desenlace do texto primitivo do romance era a morte de Amadis pelo seu filho Esplandián, e Oriana suicidava-se. Também não tive acesso a este artigo.

²⁹ MOÑINO, *Opus Cit.*

novas temáticas, como as ligadas à História Cultural, à designada “História de Gênero”, assim como o estudo das armas, dos elementos mítico-simbólicos, das profecias e dos vários fatores inerentes ao amor cavaleiresco; nesta fase podemos ressaltar os trabalhos de Frank Pierce³⁰ e Cacho Blecua³¹. Uma quarta e última fase se delimita entre os anos 80 e os dias de hoje, caracterizando-se por um “boom” (para usar a expressão da autora) nos estudos sobre o *Amadis*, principalmente por espanhóis e argentinos, com uma participação menor de americanos, marcada pelos estudos de antropologia e sociologia históricas, de filologia e de simbolismo, chegando a um ponto de saturamento e esgotamento, como se refere Filipa Medeiros, dos campos de estudo proporcionados pela obra; as principais temáticas são o simbólico, a magia, as profecias, as influências greco-romanas e bizantinas, o estudo do feminino, a cavalaria, o espaço (sobretudo as geografias insulares), a temática amorosa e a cortesia, os estudos filológicos variados, os motivos folclóricos e os aspectos jurídicos; neste período destaca-se a contribuição de Juan Baptista Avelle-Arce³² e a criação da base de dados de literatura cavaleiresca denominada *Clarisel*³³. No Brasil, encontrei três dissertações de mestrado que tratavam do livro³⁴.

Voltando à trama, percebe-se que a ação da história, e de *Amadis*, se desenvolve principalmente entre a pequena Bretanha (a Bretanha francesa dos dias de hoje) e a Grã-Bretanha (a Inglaterra), chegando a outros lugares como a Irlanda, a Dinamarca, e em incursões maiores à Alemanha, Boêmia, Grécia, Romênia e Constantinopla. Contudo, este mundo geográfico – a exemplo do que ocorre na *Odisséia* de Homero – aparenta ser

³⁰ Aborda as estruturas narrativas do romance, a vertente ideológica e psicológica dos personagens, destacando a emergência do *Amadis* como paradigma literário: Frank PIERCE. *Amadis de Gaula*. Boston: Twayne Publishers, 1976.

³¹ Juan Manuel CACHO BLECUA. *Amadís: heroísmo mítico cortesano*. Madrid: Cupsa, 1979. Também disponível para *download* em versão *online* (infelizmente a descobri apenas muito tardiamente). Acessado em 12/11/2010 e disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12937515336073765209624/037533.pdf>> O autor analisa grande parte dos episódios do *Amadis* tratando do mito heróico. Assinala os elementos mítico folclóricos da tradição literária, transformados no *Amadis*.

³² Juan Baptista AVALLE-ARCE. *Amadís de Gaula: El primitivo y el de Montalvo*. México: Fondo de cultura económica, 1990. Através de uma análise minuciosa, propôs uma delimitação textual ao *Amadis* primitivo, salientando os parâmetros da reelaboração de Montalvo.

³³ Projeto do Departamento de Filologia Espanhola da Universidade de Saragoça, tendo como finalidade reunir o máximo de trabalhos sobre a produção cavaleiresca, não só do ponto de vista filológico, mas também histórico, folclórico, antropológico e artístico. O site é: <<http://clarisel.unizar.es/>>.

³⁴ Iremar Maciel de BRITO. *O Mistério de Amadis: faces do herói-cavaleiro*. Niterói: UFF, 1993. Ricardo Luiz Silveira da COSTA. *A Cruz do Santo Lenho do Marmelar: a permanência da mentalidade de Cruzada no imaginário cavaleiresco ibérico durante a Reconquista Portuguesa (séculos XII-XIV)*. Niterói: UFF, 1997. José Costa d'Assunção BARROS. *A Arena dos Trovadores: estudos das representações das tensões sociais no cancionário galego-português (1250-1350)*. Niterói: UFF, 1994. Não consegui ter acesso a nenhuma delas pois, pelo que pude constatar, os trabalhos defendidos da UFF na década de 1990 não estão disponíveis *online*.

“um vasto archipiélago de islas misteriosas y fantásticas señoreadas por gigantes y seres míticos”³⁵. Os nomes estão hispanizados de maneira um tanto quanto fantástica: Gales, em inglês *Wales*, é *Gaula* (alguns acreditam ser derivado de Gália³⁶, do francês *Gaule*); *Vindilisora* é claramente referência a Windsor; *Bristoya* é Bristol, entre outros. Alguns nomes de personagens parecem claramente ter origem no francês, como *Briolanja* (seria *Brion l’Ange*) e *Arcaláus* (que viria de *Arc à l’eau*)³⁷. A influência celta está por toda a obra: nomes, lugares, o idealismo, os elementos do maravilhoso, as aventuras sem objeto, os combates pelo amor de uma mulher, além do desespero do cavaleiro que se vê privado do favor de sua senhora³⁸, clara recorrência do *topo* literário também presente na *Loucura de Tristão* e na de *Lancelot*. Como diz Henry Thomas, “sin Tristán y Lanzarote no hay duda de que Amadís no habría existido; com ellos tenemos el punto originário del movimiento literário caballeresco”³⁹. Isto por si já é o indício que precisávamos para pensar a herança da matéria da Bretanha presente no *Amadis de Gaula*. Do autor William Entwistle, mesmo que acredite numa construção francesa para uma posterior tradução castelhana da novela, podemos nos reportar à seguinte passagem, que explicita a ascendência bretã:

*No seu plano geral a novela segue o do Lancelot através de prisões, encantamentos, tentações e loucura amorosa; (...) os modos cavalheirescos e a galantaria são arturianos, e há a mesma preferência pela decoração acima da realidade, pelo sentimento acima da emoção genuína. A realização e o cenário são arturianos; (...) os nomes de pessoas e lugares derivam por sufixação de modelos conhecidos.*⁴⁰

O estilo do texto corresponde a um imperativo da ação. A descrição praticamente não existe: a paisagem é sempre um plano, uma montanha, uma floresta com muitas árvores ou com rosas e flores; os castelos altos, de espessos muros e fortes

³⁵ ROSENBLAT. *Opus Cit.*, pg. 10.

³⁶ Para uma outra opinião sobre o que seria a “Gaula” ver: PLACE, Edwin B. Amadis of Gaul, Wales, or What?. *Hispanic Review*, vol. 23, nº 2. Abril, 1955, pg. 99-107. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/470917>> e acessado em 11/11/2010.

³⁷ LOPES, Graça Videira. Geografias Imaginárias Espaço e Aventura no Amadis de Gaula. In: *A Imagem do Mundo na Idade Média*. Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, ICALP, 1992, pg. 207-213. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/amadis.pdf> e acessado em 10/11/2010.

³⁸ Ilustrado na penitência de *Amadis na Peña Pobre*, como trataremos mais adiante.

³⁹ THOMAS, *Opus Cit.*, pg. 40.

⁴⁰ ENTWISTLE, William J. *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*. Lisboa: INL, 1942, pg. 194. Para uma apreciação do autor do “Amadiz” e de outros romances de Castela e Portugal, assim como a influência da matéria da Bretanha veja, no mesmo livro, a totalidade do Capítulo XII: “Romances Arturianos Secundários e Outros em Castela e Portugal: ‘Amadiz’” (pg. 191-200) e o Capítulo XIII: “A Influência da Literatura Cavalheiresca na Península Hispânica Durante a Idade Média” (pg. 201-225).

torres; e nos palácios há toda a riqueza do mundo. Tudo se expressa, a exemplo de outros romances de cavalaria medieval, de maneira superlativa: Oriana, a amada do protagonista, é a “*sin par*”, a mais bela entre todas as donzelas e senhoras, e todos que a vêem ficam impressionados com sua beleza.

A cronologia é tão vaga como o espaço. O autor começa a história, já na primeira passagem do livro, anunciando que tudo se passava “*No muchos años despues de la pasion de nostro redentor é salvador Jesucristo*”⁴¹. Contudo, vemos no texto que a sociedade já é complexa, a ponto de diferir do século I d.C. em vários aspectos, como da presença de um canhão, da Bíblia moderna, da missa medieval e da lombarda, como ressaltou Henry Thomas⁴². Neste cenário e tempo que se passa a história, temos noções um tanto nebulosas para nós que a lemos no século XXI, mas talvez não tanto para pessoas que pouco tinham idéia do espaço geográfico que as circundava, e do tempo que levaria transcorrer estas distâncias. Assim como se entendermos a legitimidade que emanava de uma trama que se passava perto dos dias da morte de Cristo, a associação com o presente não seria tão problemática aos ibéricos da época como a é para nós.

Segundo consta no livro I, *Amadis de Gaula* seria filho do rei *Perion de Gaula* e *Elisena*, mas como foi engendrado num relacionamento “às escuras”, sem casamento, sua mãe teve de jogá-lo ao mar em uma arca ao nascer – numa visível referência à história de Moisés – sob o risco de serem descobertos e mortos. Por ter nascido em momento tão inoportuno é chamado *Amadis sin tiempo*. Ele é recolhido do mar por *Gandáles* e levado à Escócia, onde é criado pelo rei *Languínes* sendo chamado de *Doncel del Mar*, onde demonstra exímia destreza em todas as artes em que foi treinado e ensinado. Aos doze anos conhece *Oriana* quando o pai da moça, rei *Lisuarte*, passa pela Escócia, e ambos apaixonam-se profundamente, o que fomenta o desenlace do resto da trama. Para justificar seu amor por tão nobre donzela, sai a correr aventuras com seu irmão de criação *Galaor*, e para tanto consegue se fazer armado cavaleiro por seu pai rei *Perion de Gaula* (sem que ambos soubessem que eram pai e filho). *Doncel* dá diversas provas de que é o maior cavaleiro do mundo, e lutando pelo rei *Perion* vence o gigante *Abies de Irlanda*, situação em que seu pai finalmente o reconhece pelo seu anel e pela sua espada, que haviam sido colocados junto à arca onde foi jogado ao

⁴¹ *Amadis de Gaula, Opus Cit.*, livro I, Introduccion, pg. 3.

⁴² THOMAS, *Opus Cit.*, pg. 37. O autor adverte ainda que a introdução de um canhão na história original é evidentemente um descuido, aparecendo uma única vez no livro IV capítulo II, devendo ser sem dúvida uma adição do próprio Montalvo. Esta peripécia estendeu-se à edição francesa de Nicolás Herberay de Essarts.

mar quando pequeno. Reconhecido como *Amadis*, tem uma ótima situação para pedir *Oriana* em casamento, contudo o rei *Lisuarte* é despossuído de seu reino por *Arcaláus*, o malvado encantador, ficando prisioneiros o rei e sua filha. *Galaor* resgata *Lisuarte*, e *Amadis* resgata *Oriana*; e é da intimidade deste último resgate que nasce *Esplandián*⁴³. Os heróis passam por diversas aventuras para provar seu valor, sendo uma delas o resgate da princesa *Briolanja* e do reino de seu falecido pai, e sua paixão por *Amadis*.⁴⁴

No segundo livro, o herói toma posse da ilha encantada de *Insula Firme*. Num ataque de raiva, ira e ciúmes motivado pela ligação de *Amadis* com *Briolanja*, *Oriana* manda-lhe uma carta despedindo-se dele. *Amadis* desespera-se e mortifica-se, muda seu nome para *Beltenebrós* e se retira em penitência à *Peña Pobre*. Chega a ser perdoado por sua dama, mas maus conselheiros do rei *Lisuarte* convencem-no a expulsar *Amadis* e seus companheiros da corte.

Além das contínuas discórdias na corte do rei *Lisuarte*, no livro terceiro é que se discorre sobre os primeiros anos de *Esplandián*. Fora da corte, *Amadis* corre aventuras pelo Oriente em diversos reinos, na Boêmia, Turquia, Grécia, e na *Insula del Diablo*, matando monstros e cavaleiros, e sendo conhecido pelo nome de *El Caballero de la Verde Espada* e depois por *El Caballero Griego*. É neste livro também que *Lisuarte* entrega sua filha *Oriana* em casamento ao Imperador de Roma, contra a vontade desta, e *Amadis*, no regresso de suas andanças, resgata sua senhora que viajava pelo mar e vai com ela para a fortaleza de *Insula Firme*.

No livro quarto a ruptura entre *Lisuarte* e *Amadis* se completa. Na batalha, o pai de *Oriana* sai ferido, e o Imperador Romano morre, desaparecendo a causa principal da contenda: o casamento. Mas aí é que *Lisuarte*, já debilitado, é atacado por exércitos do malvado mago encantador *Arcaláus*. *Amadis* dirige para ele suas forças e o vence, e *Lisuarte*, comovido e sabendo do já existente filho dos dois, consente com o casamento. Os enamorados voltam à *Insula Firme* e *Oriana* supera a prova do *Arco dos Leais*

⁴³ Virá a ser o protagonista do quinto livro, *Las Sergas de Esplandián*, escrito também por Montalvo.

⁴⁴ É justamente esta a controversa passagem que teria sido modificada a pedido de “*el señor infante don Alfonso de Portugal*” (*Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo XL, pg. 94). Originalmente *Amadis* não corresponderia em nada aos apelos de *Briolanja*, o que fora modificado pela solicitação do irmão – segundo William Entwistle (*Opus Cit.*, pg. 197), como Senhor de Portalegre (1263-†1312) – ou filho – segundo Henry Thomas (*Opus Cit.*, pg. 47), como futuro Afonso IV (1291-†1357) – de D. Dinis. O caráter do herói acaba por entrar em total contradição. Há tentativas de salvar a reputação de *Amadis*, como vemos nos parágrafos seguintes (sendo trancafiado em uma torre, com *Oriana* autorizando-o a ceder aos apelos de *Briolanja* para poder libertá-lo). O mais incrível é que esta passagem de *Briolanja* – antes ou depois de ser modificada, não se sabe – é o ponto chave do desenvolvimento do episódio dos ciúmes de *Oriana* nos capítulos I e II do segundo livro, que implica na penitência e exílio de *Amadis* com a mudança de seu nome para *Beltenebros*, e o desenrolar da história.

Amadores e a Câmara Defendida. *Amadis e Oriana* finalmente conseguem se casar, em meio à felicidade geral. Depois de alguns capítulos de calma, descobre-se que o rei *Lisuarte* é encantado e aprisionado, dando motivo a uma continuação, que viria a ser *Las Sergas de Esplandián*.

O sucesso dos *Cuatro Libros de Amadis de Gaula* foi grande. Se no início do capítulo tivemos que renegar a opinião do cura de Miguel de Cervantes à infelicidade, com o mesmo critério temos que afirmar que o *barbero* certo estava ao dizer que “*es el mejor de todos los libros que de este género se han compuesto*”, sendo inexpugnável a popularidade da obra na primeira metade do século XVI, e usada no meio nobre como manual de cavalaria e cortesia – como referi na introdução. As edições espanholas eram de tamanho folio, e evidentemente não eram destinadas ao povo⁴⁵, sendo que os exemplares sumiram quase que completamente. Da primeira edição de 1508, que foi impressa em Saragoça por Georgi Coçi Alemán, só existe um exemplar conhecido, que está na Biblioteca Britânica. Entre este ano e 1587 se fizeram mais de trinta edições e traduções, o que prova a popularidade da novela, sendo um dos primeiros *best-sellers* da História, em muito se aproveitando da recém criada imprensa com caracteres móveis, que facilitava a reprodução dos livros a baixo custo e ao mesmo tempo voltava sua produção para o comércio⁴⁶. Seguiram-se várias continuações, criando-se uma linhagem, uma família dos *Amadises*. Depois dos *Cuatro Libros de Amadis* e de *Las Sergas de Esplandián* (livro V, publicado já em 1510), seguem-se *Don Florisando* (livro VI de *Amadis*), *Lisuarte de Grecia y Perion de Gaula* (livro VII), *Lisuarte de Grecia y Muerte de Amadis* (livro VIII), *Amadis de Grecia* (livro IX), *Don Florisel de Niquea* – primeira e segunda parte (livro X), *Rogel de Grecia* – parte terceira de *Don Florisel de Niquea* (livro XI), *Don Florisel de Niquea* – parte quarta (livro XI), *Don Silves de la Selva* (livro XII), *Esperamundi de Grecia* (livro XIII) e *Penalva* (livro XIV de *Amadis*)⁴⁷. As continuações se deram pela popularidade a que foram alçados os

⁴⁵ Mesmo tratando-se de uma ironia, cabe citar a relação feita por Cervantes quando diz que *el ingenioso hidalgo Don Quijote* “*vendió muchas fanegas de terra de sembradura para comprar libros de caballerías en que leer*”. CERVANTES SAAVEDRA, *Opus Cit.*, parte I, capítulo I, pg. 28.

⁴⁶ FRUGONI, Chiara. *Invenções da Idade Média: óculos, livros, bancos e outras invenções geniais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, pg. 61-64.

⁴⁷ Ver Anexo C – A “genealogia” de *Amadis de Gaula*, que foi se desenvolvendo com os livros compostos. Vemos algumas incongruências entre os livros, já que não são escritos pelo mesmo autor, ou em tempos consonantes, ou ainda no mesmo lugar. Os autores continuam a história livremente, sem saber necessariamente se alguma outra continuação já foi lançada. O que ilustra este curioso caso é o oitavo livro, onde o autor mata *Amadis de Gaula*; Já no nono, outro autor – que provavelmente já estava escrevendo uma continuação, mas não foi tão ligeiro ao publicar – se contrapõe, afirmando que aquele suposto oitavo livro seria falso e mentiroso, e continua sua história com *Amadis* em vida. Por

livros de Montalvo, mas nenhuma obteve tanto êxito e tantas edições quanto os primeiros. Como em qualquer seqüência, as novelas de cavalarias apresentam um problema de enredo grave e insolúvel, que é ao mesmo tempo a lógica de sua existência, como escreveu Henry Thomas:

“(…) las continuaciones posteriores de Amadís son, en su mayor parte, débiles exageraciones del original. Y a medida que pasa al tiempo, los gigantes se vuelven más fenomenales y los monstruos más terribles. Eso es inevitable cuando cada héroe es el hijo del héroe precedente, y no puede mostrarse invencible sino aventajando a su ya invencible progenitor”.⁴⁸

Mesmo com tudo isto, não foi sem razão que os romances do ciclo dos *Amadises* foram reinantes na Península Ibérica daqueles tempos, superando outros como o ciclo dos *Palmerins*. O *Amadis de Gaula* nos mostra uma cavalaria diferente, um tanto quanto superior, que conserva o lado espetacular da antiga, com suas leis e formalidades, mas transforma e enobrece seu espírito, deixando-a mais polida. Desaparece a rudeza da palavra e da obra, e são táteis as influências cortesãs ao ideal cavaleiresco que se completa no *Amadis*, e mostra a distância em que a obra se encontrava do meio popular, por onde originalmente é provável que tenha circulado na forma oral, ao menos em parte. Para além desta nova delicadeza, o principal no *Amadis* é sua nova concepção de amor⁴⁹, em uma época marcada pela moral e pela religiosidade. Este amor é uma adoração permanente, e *Amadis* e *Oriana* são ambos os protótipos dos perfeitos amantes, considerados ao mesmo tempo como cavaleiro e dama, um novo sistema de conduta, que contrasta às paixões adúlteras das narrativas celtas. *Amadis* é a epopéia da fidelidade amorosa. É a partir destas apropriações e heranças da matéria da Bretanha, externas à Península, e destas criações e construções internas do mundo peninsular, que entendo o conceito de “ideal cavaleiresco ibérico”.

Para a construção do conceito falta ainda, contudo, atentar ao que não é necessariamente herança literária.⁵⁰ Alguns apontamentos são igualmente significantes para se pensar o ideal cavaleiresco e sua especificidade ibérica.

esta razão, a numeração dos livros difere dependendo do autor de hoje em dia que se está lendo, que podem considerar ou não cada versão.

⁴⁸ THOMAS, *Opus Cit.*, pg. 53.

⁴⁹ THOMAS, *Idem.*, pg. 41.

⁵⁰ É com grande pesar que digo que não pude ter acesso à obra fundacional para os estudos de literatura cavaleiresca nos dias de hoje: o livro de Erich KÖHLER, *L'aventure chevaleresque - Idéal et réalité dans le roman courtois*. Paris: Éditions Gallimard, 1984. Também em edição espanhola: *La aventura caballeresca ideal y realidad en la narrativa cortés*. Barcelona: Sirmio, 1991. Referência em praticamente todos os estudos sobre os romances de cavalaria, pude ter acesso a uma parcela dos raciocínios de Köhler pelos diversos autores que o citam. Uma apreciação da obra enriqueceria em

2.2 A VIOLÊNCIA, A CAVALARIA E A FORMAÇÃO DO IDEAL CAVALEIRESCO

Pela valorização geral da bravura, da valentia, do desprendimento, da honra, e, por conseguinte, da vingança, não se pode deixar de pensar a relação entre o cavaleiro e a violência. Tudo isto resulta em uma sociedade, no mínimo, “acostumada” com a violência. O holandês Johan Huizinga já dizia no longínquo ano de 1924, ao tratar do “teor violento da vida”, que “*a vida era tão violenta e tão variada que consentia a mistura do cheiro do sangue com o das rosas*”⁵¹. A violência estava tão arraigada à sociedade que Claude Gauvard chega a afirmar que “*a Idade Média seria, por excelência, o tempo da violência*”⁵². A presença da violência tem íntima ligação com o sentimento de insegurança. Com uma existência tão frágil e vulnerável, devido a tantas intempéries que irrompem o ocidente medieval e o medo da perda (da vida, pessoas próximas, bens, e até da vida eterna, após o juízo final), as pessoas utilizam a violência como meio de resposta e defesa frente à insegurança moral e material cotidianas. Assim, como diz Jacques Le Goff, “as sensibilidades e atitudes eram ordenadas pela necessidade de segurança”⁵³. O uso da violência justifica-se também pela difusão do ideal das três ordens no período feudal⁵⁴, uma das quais, a dos *bellatores*, teria como papel a defesa armada das demais na cristandade. Todavia, é preciso matizar um pouco o papel da violência na sociedade medieval, pois, por mais generalizada e “utilizada” que fosse, ela não era de todo indiscrepante e tolerada. Deveria respeitar certas leis, mais ou menos estipuladas moralmente, um código. O seu uso, como em uma agressão, raramente seria condenado se emanasse de uma causa justa, ou por vingança. Desta violência lícita surge o “homicídio belo feito”, quando alguém se vingou, reiterou sua honra dentro das “regras” aceitas em geral. Tratando de uma sociedade distante da nossa, que conviveu cotidianamente com atos de brutalidade, não podemos cometer o anacronismo de tomar a violência concebida hoje em dia como a mesma de quinhentos

muito os argumentos em torno à construção do que seria o “ideal cavaleiresco ibérico”, para a posterior introspecção do *Amadis*.

⁵¹ HUIZINGA, Johann. *O Declínio da Idade Média: um estudo das formas de vida, pensamento e arte em França e nos Países Baixos nos séculos XIV e XV*. Lisboa: Ed. Ulisseia, [1960?], pg. 26.

⁵² GAUWARD, Claude. *Violência*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.2. Bauru: EDUSC, 2006, pg. 605.

⁵³ *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2005, pg. 235.

⁵⁴ Como exposto por Georges DUBY na sua obra *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

ou mil anos atrás. O próprio termo tem um sentido diferente⁵⁵. Como diz Claude Gauvard:

“a violência é o resultado de um encadeamento de fatos necessários à manutenção da honra e do renome, qualquer que seja a procedência social dos indivíduos, sejam eles nobres ou não nobres. A violência não está ligada a um estado moral condenável em si; É o meio de provar a perfeição de uma identidade.”⁵⁶

Da mesma forma que podemos pensar que reminiscências deste cotidiano extremamente violento existiram e moldaram formas de ver e conceber o mundo durante a Idade Média até a total aristocratização do ideal guerreiro e da criminalização da violência, esta permaneceu, assim como a ira, no decorrer dos séculos como uma demonstração de grandiosidade. O maior exemplo desta continuação é a figura do cavaleiro, transfiguração da figura do guerreiro existente até então, que é o detentor “legal” da violência.

Até antes do século XII, o termo *milites*, no plural, aparece nos textos como designando os guerreiros, em geral. Estes seriam divididos entre *equites* (a cavalo), e os *pedites* (infantaria). Contudo, aos poucos se percebe uma mudança interessante: o termo *milites* substitui *equites*, opondo os *milites* aos *pedites*, “como se os verdadeiros guerreiros só pudessem estar a cavalo”⁵⁷. A partir daí a cavalaria ocupará o cenário, e do sucesso na batalha de Hastings (1066) até o desastre de Azincourt (1415), seu prestígio será incomparável. A razão de tal sucesso é de ordem técnica e tecnológica. Pelos séculos IX e X os avanços favorecem o combate a cavalo, que não seria páreo a nenhuma outra forma de guerrear na época.⁵⁸ Como escreveu Jean Flori, “o progresso da cavalaria resulta, em larga medida, dessa militarização que valoriza o papel dos guerreiros, ao mesmo tempo que exalta a profissão dos cavaleiros, guerreiros de elite.”⁵⁹ As mudanças ocorridas no século XI vão aumentar ainda mais o poder dos cavaleiros na sociedade dita “feudal”, já que estarão intimamente relacionados às

⁵⁵ “Violência” e “violento” designariam apenas uma situação, a do estupro, a “violência à virgem”. GAUWARD, *Opus Cit.*, pg. 605-612.

⁵⁶ *IDEM*, pg. 606.

⁵⁷ FLORI, Jean. "Cavalaria". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.1. Bauru: EDUSC, 2006, pg.187.

⁵⁸ Exemplos dos avanços da época, presentes em grande parte na iconografia, são as lanças (azagaias ou chuços), o método de utilizar o cavalo como um “projétil vivo” (onde a força, na ponta da lança, está ligada à velocidade em que o cavalo alcança, e não mais à força do braço), a lorica (cota de malha flexível), elmo fechado, broquel e escudo ligados à haste da lança, etc. A espada seria utilizada somente de improviso, quando a lança se partia, para o corpo-a-corpo, como bem aparece nos romances de cavalaria.

⁵⁹ *IDEM*, pg. 189.

atividades ligadas aos senhores e castelões, as maiores autoridades sociais da época, como a defesa e a cobrança de exações senhoriais. Nesta posição, os *milites* vão ganhando poder, diferenciando-se dos trabalhadores da terra – de onde a maioria saiu – e rodeando a aristocracia, onde acabam por se adentrar:

“Sem se confundir com a nobreza, (...) a cavalaria ganha em dignidade e logo compõe uma classe hereditária, que se constitui, por sua vez, uma aristocracia, na qual se entra por adubamento⁶⁰. (...) Por essas disposições a nobreza controla a entrada na cavalaria e reserva o acesso a ela a seus próprios membros, numa época em que a dignidade cavaleiresca acrescenta distinção àquele que a recebe.”⁶¹

Desta forma a cavalaria modifica-se, torna-se um título nobiliárquico, e vai cada vez mais ser confundida com a nobreza. Temos a transformação do guerreiro, e junto a ele, a idéia da posse do fazer a guerra, usar a força, utilizar a violência – e a possibilidade de irar-se como positiva.

A igreja, por sua vez, não considera nem um pouco interessante o ímpeto guerreiro e violento que estava disseminado pelo ocidente, e empreende uma luta ideológica contra estas acepções morais, condenando a violência e promulgando a “Paz de Deus” e a “Trégua de Deus”, nos séculos X e XI respectivamente, onde, restringindo a guerra a certos períodos, tenta frear a violência dos guerreiros (*milites*). Acaba por ligar a guerra ao grupo guerreiro (o que já vinha em curso), promulgando regras e códigos recheados de valores cristãos⁶², condenando estes embates na cristandade e fazendo exortações para a luta contra os infiéis. A Igreja consegue institucionalizar a cruzada, mas não totalmente a cavalaria. Apesar dos apelos de Roma, a cavalaria, agora nobre, não só não abandona como exalta cada vez mais os ideais guerreiros. Torneios – réplicas das guerras – nascem no século XI e se multiplicam no século XIII, mesmo com a proibição da Igreja. O prestígio dos atos de bravura continuava existindo, passando dos *milites* aos cavaleiros. Pouco a pouco, a cavalaria se tornava algo a mais, uma Cavalaria, que seria mais um ideal, um valor, do que apenas um grupo de guerreiros montados.

Para além do aspecto militar de cavalaria, surge um outro, um “fazer cavalaria”, significando tanto atacar como ter grandes feitos em armas, realizar proezas

⁶⁰ Do francês *adoubement*, não está dicionarizado em português, e significa “equipar”, “preparar”, se referindo à cerimônia na qual alguém se torna cavaleiro, pela entrega das armas.

⁶¹ *IDEM*, pg. 190.

⁶² A própria liturgia para o adubamento é uma delas, que, nos séculos XIII e XIV, a Igreja inventa, com os passos do ritual, fazendo com que o cavaleiro tenha que jurar lealdade ao antigo ideal de defesa dos fracos e da igreja.

cavaleirescas. Esta ideologia agrega-se apenas tardiamente à cavalaria, e confere à última uma ética que lhe é particular, misturando as facetas aristocrática – laica e profana – com a religiosa. Aqui que se percebe o papel importante das literaturas de língua vulgar e da literatura oral, como nos diz Paul Zumthor⁶³, que não cessaram de difundir e exaltar a cavalaria, transformando-a num ideal mitológico. É o caso das canções de gesta, que nascem na França do final do século XI e vão até o XIV, apoderando-se da idéia de heróicos e bravos cavaleiros como Rolando, e valentes e sábios como Olivier. Fábulas, contos, epopéias e romances vangloriam sempre a valentia, a fidelidade, as virtudes da cavalaria. Através dos heróis como Lancelote, Perceval e Artur, a literatura apropriou-se da cavalaria e a transfigurou, de modo que “*sonho e realidade misturaram-se assim para formar nos espíritos uma cavalaria que, mais que corporação ou confraria, torna-se uma instituição, um modo de viver e de pensar, reflexo de uma civilização idealizada.*”⁶⁴

Os romances, efervescendo a partir do século XII, traduzem a tendência de um grupo que tenta manter uma imagem gloriosa de si, introduzindo nas consciências elementos da moral laica, sobretudo um ideal novo, a “cortesia”, que segundo Danielle Régnier-Bohler seria “*o ideal do comportamento aristocrático, uma arte de viver que implica polidez, elegância, e ainda, (...) o sentido da honra cavaleiresca.*”⁶⁵ No contexto desse comportamento é que surge o *fine amor*, “amor cortês” ou “cortês”, conceito nada emoldurável, mas que recorro pela definição da autora em questão por “*ora o amor de um cavaleiro por uma dama casada e inacessível, ora um amor mais carnal, portanto adúltero, ora o vínculo entre dois jovens que aspiram ao casamento*”⁶⁶. No caso do *Amadis*, o amor cortês implica acima de tudo na fidelidade (como descrito em 2.1).

É nestas cortes que se constroem os indivíduos. Estes sofrem uma dupla pressão por parte da sociedade⁶⁷: por uma lado, esta última vai limando todas as arestas e pontas do indivíduo, formando-o segundo uma moda ou tom dominante; ao mesmo tempo, todo indivíduo almeja e precisa destacar-se neste mundo regrado. Vive-se uma vida em

⁶³ *A Letra e a Voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁶⁴ FLORI, *Opus Cit.*, pg.186.

⁶⁵ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. “Amor Cortês”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.1. Bauru: EDUSC, 2006, pg. 48.

⁶⁶ *IDEM*, pg. 47-48.

⁶⁷ VEDEL, Valdemar. *Romántica Caballeiresca*. Ideales Culturales de la Edad Media, Tomo II. Barcelona: Editorial Labor, 1948, pg. 38-39.

sociedade, eminentemente externa, que corrobora na perpetuação desta própria sociedade:

*Todas las reuniones cotidianas son objeto del cultivo y de regulación. La vida en común pule y refina, en este como en todos los casos, las costumbres de los hombres. Las Cortes se constituyen en escuela de la buena educación, donde pierden su tosquedad y adquieren modales distinguidos los rústicos barones.*⁶⁸

É impossível, outrossim, deixar de mencionar a prudente ponderação que nos faz Ernst Curtius, ao salientar que este sistema de virtudes do cavaleiro não era sólido, rígido e seguido e apropriado fielmente em todos os lados e lugares. Como se pode perceber, demonstrar isto é grande parte da finalidade deste capítulo, ele compreende categorias que se formaram muito antes da própria idéia de cavalaria e da literatura cavaleiresca, através de seus romances e novelas:

*Não me parece vantagem alguma reduzir a um pobre esquema todo o círculo dessas virtudes e ideais de vida (...). O que constitui o encanto peculiar do ethos do cavaleiro é, precisamente, a flutuação entre muitos ideais, alguns deles estreitamente afinados, outros diametralmente opostos. A possibilidade da livre flutuação, da liberdade de se moverem dentro de um rico e variado mundo, deve ter sido um estímulo interno para os poetas cortesãos.*⁶⁹

Resta-nos, afinal, uma pergunta: o que seria este jogo de valores e ideais cavaleirescos na Península Ibérica e porque de seu florescimento em período tão tardio? Como vimos, à medida que esta sociedade européia ocidental vai se sentindo mais ameaçada, a partir de meados do século XIII, com mais evidência no século XIV e definitivamente no XV, o rito cavaleiresco se transformará em jogo⁷⁰. Mesmo com as formas de discurso continuando intactas, há um esvaziamento de sentido e a degradação da virtude, o debilitamento do relato com a perda da veracidade: “*el caballero sabe que pronto tendrá que elegir entre el papel de cortesano y el de salteador de caminos. (...) Su nostalgia lo empuja a mitificar lo que fue hace poco (¡está convencido!) una realidad vivida*”⁷¹. A empreitada cavaleiresca torna-se difícil, diminuindo muito o

⁶⁸ IDEM, pg. 36. Sugiuro, numa leitura, que especial atenção seja dada, além do capítulo IV – “Cultura Cortesana” (pg. 33-39), aos capítulos VIII – “Arte Amatorio” (pg. 68-82), XIV – “Matière de Bretagne” (pg. 130-137) e XXI – “Decadencia de la romántica caballerescas” (pg. 214-220).

⁶⁹ CURTIUS, Ernst Robert. “O ‘Sistema de Virtudes do Cavaleiro’” (pg. 632-654). In: IDEM, *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec, 1996, pg. 653.

⁷⁰ ZUMTHOR, Paul. *La Medida del Mundo: representación del espacio en la Edad Media*. Madrid: Cátedra, 1994, pg. 203.

⁷¹ IDEM, pg. 204.

número de cavaleiros⁷² entre os séculos XIV e XV, com este já não tendo tanto poder sobre o mundo – é difícil competir com a artilharia e com as grandes expansões monárquicas – e luta para conservar-se ao menos no espaço da ficção (multiplicam-se as ordens de cavalaria, a organização de justas), no seu carácter simbólico. Na realidade os valores haviam se invertido, e neste meio cada vez mais estreito segue se considerando dominante, “*la imagen del caballero andante ha ‘salido’ de los libros*”⁷³. Na primeira metade do século XVI o cavaleiro ou será cortesão ou não será nada, e a partir da metade do século a mesma idéia de aventuras só provocará risos.

A Espanha conhece a mesma evolução da literatura que a França e a Alemanha, mas tardiamente. Para Curtius o “atraso” cultural da Espanha seria devido ao desenvolvimento tardio da literatura em língua vulgar, e a também tardia chegada da cultura latina do século XII, além dos fatores de desenvolvimento político e econômico⁷⁴. Para Paul Zumthor o motivo para este desenvolvimento tardio foram as guerras de Reconquista, que ocuparam suficientemente a nobreza ibérica até o século XIII, com a imagem do cavaleiro andante não tomando corpo até muito tarde⁷⁵. A aventura para estes homens não era nada fictício, e como exemplo temos o *Cantar de Mio Cid*, que é uma excursão de pilhagem e tomada do território muçulmano. Segundo parece, nas *Siete Partidas* de Afonso X, o Sábio, consta a recomendação que homens leiam novelas de cavalarias entre as campanhas da guerra⁷⁶. Acontece que no século XV esta causa já está ganha e, como sabemos, surge o *Amadis de Gaula* que espalha pela península sua apologia ao cavaleiro andante e lança por meio século a moda novelesca. Lembrando o relato do marinheiro Bernal Díaz del Castillo, que navegava com Cristovão Colombo, podemos dizer que os valores propagados pelo romance chegam com os exploradores até a América⁷⁷. Curtius, usando poucas palavras, definiu muito

⁷² Na França existiram de cinco a seis mil cavaleiros em 1300, não restando mais de mil em 1470; Na Inglaterra existiam mil e duzentos, restando menos de um terço em 1430. STANESCO, M. *Jeux d'errance du chevalier m.* Leyde : Brill, 1988, pg. 227; *Apud*: ZUMTHOR, *Opus Cit.*, pg. 204.

⁷³ ZUMTHOR, *Opus Cit.*, pg. 206.

⁷⁴ CURTIUS, Ernst Robert. “O ‘Atraso’ Cultural da Espanha”. In: *IDEM, Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec, 1996, pg. 659-661.

⁷⁵ ZUMTHOR, *Opus Cit.*, pg. 207.

⁷⁶ NERLICH, M. *Kritik der Abenteuerideologie*. 2 vol. Berlin: Akademie Verlag, 1977, pg. 43-46; *Apud*: ZUMTHOR, *Opus Cit.*, pg. 207.

⁷⁷ A descrição de Díaz é lembrada por associar Tenochtitlán com as palavras d’*O Amadis de Gaula*. A passagem é famosa: “nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas de encantamiento que cuenta en el libro de Amadís [de Gaula]”. DIAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. Edição de Carmelo Saenz de Santa Maria. Madrid: Instituto Gonzalo Fernández de Oviedo, 1982, pg. 176.

bem o que significou o ressurgimento do ideal cavaleiresco na literatura através dos *libros de caballerías* para o mundo ibérico do final do medievo:

“O ‘atraso’ cultural da Espanha não significa, é claro, ‘retardamento’ no sentido do racionalismo antigo ou moderno. Pelo contrário, trouxe ao período da florescência espanhola o rico conteúdo da Idade Média e, assim, tornou-se produtivo.”⁷⁸

Os romances de cavalaria embrenham-se em terras de Castela e Portugal com uma lógica e forma que lhe é própria. Como este ideal cavaleiresco ibérico, que emerge num mundo em transformação, se reportaria e se portaria frente às atitudes tão controversas de ira, *saña*, raiva e fúria nas páginas de suas novelas?

3. A SAÑA NO MUNDO PENINSULAR

A Idade Média ibérica reuniu e representou grande parte de suas convenções sociais nos *libros de caballerías*. Propagando-se pela península principalmente no final do século XV, juntamente com o ideal cavaleiresco que lhe foi particular, as novelas carregavam suas próprias concepções sobre a *saña*. Estas se construíram a partir do grande mosaico já existente no mundo medieval, concepções que se transformaram junto com a sociedade ibérica dos finais do medievo.

3.1 AS VERSÕES DA IRA/SAÑA NO MEDIEVO

No *Amadis de Gaula*, assim como na maior parte dos textos ibéricos do período, na maioria das vezes, a ira aparece designada pelo substantivo feminino *saña*, ou no português *sanha*, com o respectivo verbo dele derivado, *ensañar* ou *assanhar*, e pelo adjetivo *sañado* ou *sanhudo*.⁷⁹ É importante notar que ira e *saña* tinham sentidos próximos, mas não eram a mesma palavra, pois diversas vezes aparecem complementando-se uma a outra⁸⁰. Os termos em questão têm provável origem no latino

⁷⁸ CURTIUS, Ernst Robert. “O ‘Atraso’ Cultural da Espanha”. In: *IDEM, Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec, 1996, pg. 660.

⁷⁹ Para uma concepção do pecado da *sanha* em Portugal ver Sheila Conceição SILVA LIMA. “O pecado da sanha no *Leal Conselheiro*: a capitalidade do desprazer e do desejo da vingança”. Comunicação apresentada no *Seminário Internacional Os pecados capitais na Idade Média*, promovido pelo GT de Estudos Medievais da ANPUHRS, em 13-15 de setembro de 2004 (Porto Alegre, RS).

⁸⁰ “Mas así el vuestro poder había de ser para forzgar con tiempo vuestra ira é saña, é os quitar de aquellas cosas que él tanto tiene aborrecidas, porque haciéndoos dignos, dignamente el su perdon alcanzar podiésedes”. *Amadis de Gaula*. In: Felicidad BUENDIA (Editor). *Libros de caballerias españoles*. Madri: Aguilar, 1954, livro I, capítulo XIII, pg. 31. Ou ainda em “cómo seyendo Oriana, por las palabras que al Enano oyó de las piezas de la espada, á la ira é saña sojuzgada, é puesta en

insânia, que significa o rancor, a fúria, a “loucura furiosa”⁸¹. *Sandia* seria uma pessoa “desassisada”, sem siso e senso, louca e sem tino, e *sandeo* seria alguém “sem memória, de pouco entendimento”⁸². Percebe-se que loucura e ira estavam, no mínimo no que tange a etimologia, muito próximas, com as suas fronteiras não muito bem delineadas⁸³. Como afirma José Rivair Macedo, a ira seria complexa na sua pluralidade, com as mais diversas possibilidades de interpretações e expressões, múltiplas e variadas neste período, sem ter uma definição rígida e fixa⁸⁴.

No seu *Libro de las Confesiones*⁸⁵, manual castelhano de confissão e penitência composto entre 1312 e 1319, Martin Péres relaciona à ira o desejo de vingança, o malquerer, o rancor, a cobiça, o ódio, a mentira, as injúrias e blasfêmias. Apresentando os pormenores da classificação dos pecados, vai além e cita a morte, os ferimentos e a infâmia como seus efeitos imediatos. A *saña* aparece principalmente quando da excomunhão e a vingança é algo a se evitar, mas se for para correção ou quando alguém fora lesado, é um bem. Esvazia a ira, deixando como *garganteria* os pecados da língua, a violência verbal e a blasfêmia. Já na obra *Modus Confitendi*⁸⁶, feita em Castela no início do século XV por André Dias de Escobar e que não é tão rica quanto o *Libro de las Confesiones*, são apontados os casos em que se pode incorrer em ira. Além dos já citados, temos o rancor no coração, a perturbação da mente, o gritar demasiado, agarrar-se aos semelhantes, quando se semeia a discórdia e quando se deixa de perdoar. O

tan grande alteracion, que muy poco fruto sacaron Mabilia ni la doncella de Denamarca de los verdaderos consejos que por ellas le fueran dados”. IDEM, livro II, capítulo primeiro, pg. 111.

⁸¹ COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 1998, pg. 524.

⁸² SANTA ROSA VITERBO, Joaquim de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. 1ª Edição 1798. Edição crítica por Mário FIÚZA. Porto: Livraria Civilização, s.d., pg. 546-547; *Apud*: MACEDO, José Rivair. A ira em textos luso-castelhanos dos séculos XIV e XV. In: *Raízes medievais do Brasil moderno* (Actas do colóquio, 2 a 5 de novembro de 2007). Lisboa: Academia Portuguesa de História / Centro de História da Universidade de Lisboa / Centro de História da Sociedade e da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008, pg. 117.

⁸³ Tentei apontar algumas aproximações, indo além do sentido etimológico, entre a ira e a loucura no artigo “Perdendo a Cabeça: notas sobre a ira insana e a loucura furiosa no Ocidente medieval (XIII-XV)”. *Aedos – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, vol.2, nº2. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <www.ufrgs.br/ppghist/aedos> e acessado em: 10/11/2010.

⁸⁴ MACEDO, José Rivair. A ira em textos luso-castelhanos dos séculos XIV e XV, *Opus Cit*. Permito-me reproduzir aqui, na seqüência, parte dos exemplos e da visão panorâmica sobre a ira na período medieval com que nos brindou o autor.

⁸⁵ MARTIN PÉREZ. *El libro de las confesiones: una radiografía de la sociedad medieval hispana*. Edição de Antonio GARCIA Y GARCIA, Bernardo ALONSO RODRIGUES e Francisco CANTELAR RODRIGUEZ. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

⁸⁶ ANDRÉS DE ESCOBAR. *Modus confitendi* (Manual para la confesión). Primeira edição de Segovia: Juan Párix, c. 1473. Edição de Fermín de los Reyes Gómez. Burgos: Instituto Castellano y leonés de la lengua, 2004, pg. 100; *Apud*: MACEDO, *Opus Cit.*, pg. 118.

Tratado de Confissom, obra anônima composta em 1489 na vila portuguesa de Chaves, em data bem próxima das primeiras edições impressas do Amadis, acrescenta à lista de defeitos associados à *saña* o escândalo (estando incluído nele ruídos, rixas e injúrias), o falso testemunho, os prejuízos causados aos outros, os maus conselhos, murmúrios, ameaças e o escarnecimento, dizendo que o primeiro filho da ira é a *mingua de justiça*⁸⁷. Não é tão dispersivo quanto o *livro* de Martin Pérez, que tem um caráter “não organizativo” herdado da Idade Média, e é mais um manual de confissão (para quem vai se redimir) que um manual de confessores. Já no *Tratado de Penitência* de Garcia de Rezende, do início do século XVI, a posição sobre a ira se inverte. Entre os comportamentos do irado estaria a revolta contra Deus, o negar Deus, matar, ferir, maldizer, odiar e desejar a morte de si, elementos mais que necessários para estabelecer uma ligação entre a ira, a apostasia, os acessos de fúria causados pela loucura e o suicídio⁸⁸. O *sañudo* era alguém que ameaçava a própria vida, artífice da obra do demônio, e a ira tão somente negativa. A mesma concepção de vício transparece no *Orto do Esposo*⁸⁹, texto do mosteiro de Alcobaça do final do século XIV, e no *Virgeu da Consolação*⁹⁰, também de escritor alcobacense anônimo de meados do século XV.

Filósofos, retóricos e autores cristãos⁹¹ também não deixaram de definir quais seriam os limites deste impulso violento. Se adentrarmos o domínio das paixões, veremos a *saña* ou ira definida como impulso, uma ação que provinha de um estímulo violento e incontrolável. Para não muito me estender, cito Martinho de Braga, que no século VI – restituindo um texto de Sêneca em seu *De Ira*⁹² – assume uma doutrina estoica sobre a ira: em circunstância alguma ela será vantajosa, nunca pode ser admitida e é sempre perversa e condenável. Segundo ele “*outros vícios afastam-se da razão, a*

⁸⁷ *Tratado de Confissom* (Chaves, 8 de agosto de 1489). Leitura diplomática e estudo bibliográfico por José V. De PINA MARTINS. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, capítulo IV, pg. 182-183.

⁸⁸ *Breve memorial dos pecados e cousas que pertencem ha confissom hordenado por Garcia de Resende, fidalgo da casa del Rei nosso senhor*. Nova edição conforme a de 1521. Introdução e leitura de Joaquim BRAGANÇA. Lisboa, 1980, p. 30; *Apud*: MACEDO, *Opus Cit.*, pg. 122.

⁸⁹ *Orto do esposo*. Edição de Bertil MALER, 3 vol. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954-1964, pg. 11-12.

⁹⁰ *Virgeu de consolação*. Edição crítica de Albino de Bem Veiga. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1959, pg. 12.

⁹¹ Para a concepção de paixões segundo Santo Agostinho, ver: BERMON, Emmanuel. “A teoria das paixões em santo Agostinho”. In: BESNIÉR, Bernard; MOREAU, Pierre-François; RENAULT, Laurence. *As Paixões Antigas e Medievais: teorias e críticas das paixões*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, pg. 199-226. As duas questões principais perpassadas pelo seu pensamento são: (a) as ações, boas ou más, provém das paixões? (b) as paixões são somente más, ou podem ser boas? Pensa as paixões como pulsões.

⁹² MARTINHO DE BRAGA. *De Ira*. Estudo, edição crítica, tradução e comentário por Paulo Farmhouse ALBERTO. *Mediaevalia*, n° 4. Porto: 1993.

ira, por si, já se apartou da sanidade mental”⁹³. Ressalta o caráter autodestrutivo da mesma, contrário à natureza. A falta de controle do iracundo fazia com que, levado pelo impulso, causasse danos não só aos outros, mas contra ele mesmo, tendo a ira o caráter de uma loucura temporária. Com São Tomás de Aquino, na segunda parte da *Suma Teológica* e no *De Malo*, o que era tido como pecado ganha um novo enquadramento. Em uma concepção mais ampla, uma finalidade positiva: a recuperação da justiça. Não era a ira em si o problema. O nocivo seria o ódio eventual que domina o irado. Subsistiriam na ira então duas paixões: o amor pela justiça e o ódio do irado pelo seu ofensor⁹⁴. Não seria um vício, mas uma paixão da alma, um impulso natural, podendo tornar-se um pecado devido ao que a provoca e à intensidade com que se manifestava. Mantendo os limites da razão, deveria ser controlada. Até a vingança seria, assim, uma busca por justiça.

Em uma sociedade permeada por uma violência legitimada (vide 2.2) como classificar a ira como um pecado? Onde estariam os limites entre a violência e o pecado, a ira como vício e como virtude? Assim como as outras paixões, a ira seria um impulso natural, podendo transformar-se em pecado devido a dois fatores: o que a provoca e a intensidade com que se manifesta⁹⁵. Com este raciocínio a existência de uma “ira de Deus” deixa de ser uma idéia abstrata: seria um meio para punir o pecado, uma ira justa⁹⁶. Pois que a “ira régia”, ou “*indignatio regis*”, seria também legítima e compreensível no sistema de valores medieval, já que é um dever do governante punir os culpados⁹⁷. Os presentes e agrados ao rei, e a humilhação pública que alguns se submetiam, faziam parte dos costumes sociais para despertar sua *clementia* (pela qual o governante publicizava sua magnanimidade), como que um ritual para acalmar sua ira⁹⁸

⁹³ *IDEM*, pg.1 da epítome.

⁹⁴ LAUAND, Luiz Jean. “São Tomás de Aquino e os pecados capitais”. *Notandum*, vol. 6, nº 10. Porto: 2003, pg. 39-44.

⁹⁵ CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. *Histoire des péchés capitaux au Moyen Age*. Paris: Aubier, 2006, 113-114.

⁹⁶ Basta atentar às maneiras e às atitudes como Deus se manifesta no Antigo Testamento. No *Orto do Esposo*, Cristo e a Virgem Maria chegam a ser adjetivados como *sanhudos* quando se deparam com o pecado dos homens. *Opus Cit.*, pg. 16, 27 e 318.

⁹⁷ MACEDO, *Opus Cit.*, pg. 126.

⁹⁸ Para uma análise específica do mundo insular, ver: Hilda GRASSOTTI. “La ira regia en León y Castilla”. *CHE*, XLI-XLII, 1965. Fiquei sabendo da existência deste interessante e pontual artigo apenas tardiamente, não chegando a ter acesso ao original tampouco a algum resumo do mesmo.

– quando ele deixava de estar irado, a alegria era geral, pois um rei doente ou desagradado implica em um reino também em decadência⁹⁹.

Ligados a sua finalidade, a questão parece pairar em quem teria a legitimidade de usar a ira para punir e em que situações de ofensa grave ela pode ser usada, sem deixar de controlar o furor, os excessos e mantendo-se no limite da razão¹⁰⁰. Seu significado moral mostra-se cada vez mais ligado à natureza humana. Em meio a este mosaico de significados que os impulsos violentos tomaram na Idade Média, qual seria a concepção de ira e *saña* arraigada às linhas dos *libros de Amadis*?

3.2 UMA ANÁLISE DO *AMADIS*

Como escreveu Roger Chartier, o trabalho do historiador não deve incidir apenas em abordar o texto do documento que se vai analisar. Uma crítica à fonte que se está trabalhando deve passar necessariamente por uma história da Leitura¹⁰¹. A interpretação dos dados intra-textuais deve estar vinculada às informações colhidas fora do documento, preenchendo as lacunas de perguntas como: quem é o autor? Onde foi e qual o momento em que a obra foi escrita e transcorreu sua impressão? Quem a encomendou? Quem coordenou a publicação dos livros? Quais seriam os interesses de todos estes sujeitos envolvidos com o livro? Em um segundo momento é necessário perguntar: por onde a obra circulou e quem teve contato com ela? Como se deu sua difusão? Como a obra foi significada pelos grupos sociais que a ela tiveram acesso?

Várias destas perguntas já foram respondidas, diluídas no decorrer dos capítulos até aqui¹⁰², mas retomemos agora alguns pontos. Pouco – ou quase nada – se sabe sobre o autor do romance (apenas o que está contido no próprio texto), já que não temos conhecimento se deixou-nos outros escritos, e tampouco é citado por outras empreitadas que não seja sua compilação e modernização do *Amadis*. Contudo, deveria ser um homem de certa quantidade de posses, uma vez que tinha o cargo de *regedor* da vila de Medina del Campo¹⁰³. O autor ou refundador do *Amadis* escreveu a novela nas últimas décadas do século XV, e algo entorno de quinze a vinte anos depois (c. 1508) já estava

⁹⁹ No *Cantar de Mio Cid* o rei fica irado e *sañado*, e recebe diversos presentes para acalmar sua ira. Seu estado de espírito é tão respeitado, que ninguém alimenta ou abriga Rodrigo Dias de Vivar até que o rei se dê por satisfeito. *Cantar de Mio Cid*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

¹⁰⁰ *IDEM*, pg. 129.

¹⁰¹ Roger CHARTIER. “Textos, impressão, leituras”. In: HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pg. 225-227.

¹⁰² Admito que isto fiz para tornar a leitura mais saborosa.

¹⁰³ Ver Anexo D, mapa da Península Ibérica com a localização de Medina del Campo em 1450, antes da união dos Reis Católicos e da conquista da Granada.

sendo publicada. Sabemos que o *Amadis* adquiriu uma popularidade até então nunca vista na Península Ibérica e fora dela, com várias edições e traduções. Pelo custo que um tomo tinha em meados do segundo milênio, assim como pelo ideal cavaleiresco presente na obra, sabemos que ela deve ter circulado primordialmente pelo meio nobre¹⁰⁴, sendo lida em voz alta nas cortes¹⁰⁵. Afora isto, outros questionamentos permanecem em aberto. Como disse o *cura* de Cervantes, “*parece cosa de mistério*”: pela falta de informações a maioria das respostas são desconhecidas.

Baseio a análise que segue em uma versão do *Amadis* publicada em Veneza em de 1533¹⁰⁶, cujo nome original é *Los Quatro Libros del Esforzado et Virtuoso Caballero Amadís, Hijo del Rey Perion de Gaula y de la Reina Elisena*, constando como autor Garci-Ordoñez de Montalbo¹⁰⁷, compilada em edição crítica por Don Pascual de Gayangos no tomo XL da Biblioteca de Autores Españoles em 1850 com o nome de *Libros de Caballerias*¹⁰⁸. Ao mesmo tempo me servi, quando pareceu necessário para esclarecer dúvidas e traçar comparações, de outra edição disponível *online* no site da Biblioteca Nacional Portuguesa, digitalização do documento original impresso em Sevilha no ano de 1526¹⁰⁹. Além disto, recorri a referências de outras novelas de cavalaria e escritos literários quando achei que eram dignos de nota para compreender o *Amadis*.

Com a certeza de que é possível produzir conhecimento histórico a partir de fontes literárias, desde que abordadas com o devido dimensionamento e atenção,

¹⁰⁴ Uma possível “popularização” da história, ou uma continuidade – se partirmos da premissa que o *Amadis* já deveria circular pela oralidade antes do texto escrito – em meios populares, poderia ser sugerida a partir relato de Bernal Díaz del Castillo, *Opus Cit.* A história de *Amadis* estava presente na mente de um marinheiro – ainda que letrado – que vai à América buscando melhores oportunidades. Esta premissa, contudo, é difícil de averiguar.

¹⁰⁵ Decisivo é também ter em mente a idéia de Chartier de não tomar primeiro um critério de classe e de grupo social para depois trabalhar o objeto. Por mais que o contexto da obra e seu enredo façam crer que circulava essencialmente em meio nobre, tomar o argumento como pressuposto só vai fazer calar um eventual eco das classes populares que permaneça como uma reminiscência no texto.

¹⁰⁶ A edição, em espanhol, foi feita por Francisco Delicado, natural de *Peña de Mártos* e vigário do vale de *Cabezuela*, na casa de Juan Antonio de Sabia. Segundo ele mesmo nos informa, teve muito esmero para que sua versão saísse o melhor possível, corrigindo erros de ortografia. A edição tenta ser o mais próximo possível do original, não representando uma modificação do texto como fez Montalvo. GAYANGOS, Pascual de. “Prologo”. In: *Libros de Caballerias*, Biblioteca de Autores Españoles, Tomo XL. Madrid: Atlas, 1950, pg. II.

¹⁰⁷ Já foi referido na Introdução e no Capítulo 2 as diferentes grafias do nome, mas reafirmo que se trata da mesma pessoa. Por questões de praticidade, continuarei utilizando a grafia sacramentada: Garci-Rodríguez de Montalvo.

¹⁰⁸ *Amadis de Gaula. Los Quatro Libros del Esforzado et Virtuoso Caballero Amadís, Hijo del Rey Perion de Gaula y de la Reina Elisena*, versão de 1533. In: *Libros de Caballerias*, Biblioteca de Autores Españoles, Tomo XL. Madrid: Atlas, 1950, 1-402.

¹⁰⁹ *Amadis de Gaula. Los quatro libros de Amadis de gaula nueuamente impressos & hystoriados en Seuilla*. Sevilha: Iacobo y Iuan Cromberger, 1526. Disponível em: <<http://purl.pt/921>> e acessado em: 10/11/2010.

entendo o romance e as novelas de cavalaria no âmbito das representações, construídos a partir da lógica cortesã e moldados pelo ideal cavaleiresco da nobreza ibérica dos entornos do ano 1500. Para a Idade Média, é válido dizer, não existe distinção entre o que é um documento literário e o que é um documento histórico, por exemplo¹¹⁰. Da mesma maneira, não existe a idéia de ficção para se contrapor à de realidade. Portanto, acho uma falácia tentar enquadrar nas lógicas de nossos jogos mentais do século XXI os *libros de caballerías*, conquanto funcionem segundo outros mecanismos. Para ir um pouco além do fatigado conceito de representação, proponho que pensemos esta “ficção” quinhentista, imersa no maravilhoso, como um copo com água que não reflete, mas refrata o mundo a sua volta e as realidades sociais. Através desta distorção penso ser possível captar o que foi – intencionalmente – colocado na narrativa¹¹¹ e como o grupo que fomentou e articulou a novela, expressão da lógica cavaleiresca e da tradição ibérica, entendeu os atos de ira e de *saña*.

Adentro as mazelas do romance para responder três perguntas centrais: o que é a *saña* para o *Amadis de Gaula*? Que valores estão agregados a ela? E a que se contrapõe? Como método de trabalho busco ressaltar passagens que são marcantes e elucidativas, a partir do fichamento temático da fonte primária, nas quais se percebe como a ira é apresentada. Aponto em que momento estas passagens se encontram, que personagens do romance estão envolvidos (quais são seus papéis no argumento narrativo e no mundo ibérico do século XVI), qual o espaço geográfico em que transcorre a ação (sua lógica e significado), como a trama se desenvolve, etc. Relacionando os excertos entre si, se desenha um esboço da maneira como o *Amadis* encara as manifestações de descontrole.

O vocábulo *saña* e seus derivados aparece mais de uma centena de vezes nos quatro livros de *Amadis de Gaula*, e a palavra ira e suas próximas pouco menos de cem vezes¹¹². Destaquei também as passagens que se enquadravam em alguma concepção vigente (destacadas em 3.1) ou em padrão comportamental que pudesse ser significativo, mesmo que as palavras *saña* e ira – e seus derivados – não aparecessem. Pela monumentalidade da obra, é impossível dar conta de sua totalidade neste curto e

¹¹⁰ ZINK, Michel. “Literatura(s)”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.2. Bauru: EDUSC, 2006, 79-93.

¹¹¹ Para ser difundido, lido e utilizado como um “espelho de príncipes”, de modo que os mais jovens lessem e se “espelhassem” nos romances. Isso também explicaria a extensiva e rápida difusão do *Amadis de Gaula*.

¹¹² Esta foi a prospecção que consegui fazer nos quatro meses específicos dedicados ao trabalho de conclusão que o curso destina. Uma busca mais demorada poderia resultar em um maior número de excertos.

dosado trabalho, e não tenho por pretensão esgotá-la, senão apontar suas linhas gerais¹¹³.

Os atos de bravura e valentia dos cavaleiros são exaltados o tempo inteiro na narrativa. Funcionando como uma premissa básica para os heróis, faz parte da lógica cavaleiresca que engendra o romance. Para uma primeira aproximação, foquemos em uma passagem muito ilustrativa, logo do primeiro livro.

Doncel del Mar perambulava por uma floresta acompanhado de seu irmão de criação e escudeiro *Gandalin*, quando se encontra com *Urganda la Desconocida*¹¹⁴. Contando mentiras, pede a três irmãos seus que matassem *Amadis*: “*id trás él é matadlo, é á um hombre que consigo lleva, que hizo tanto mal como él.*” Quando se encontram, a batalha não poderia ser mais explícita e instigante:

*El Doncel del Mar, que su escudo tenía y el yelmo enlazado, dejóse ir al primero, y él á él, é hiriólo en el escudo tan duramente, que se lo pasó, y el brazo en que lo tenía, y derribó á él é al caballo en tierra tan bravamente, que el caballo hobo la espalda diestra quebrada, y el caballero, de gran caída, la una pierna; de guisa que ni el uno ni el otro se pudieran levantar; y quebró la lanza y echó mano á su espada, que le guardara Gandalin, é dejose ir á los dos, y ellos á él, y encontráronle en el escudo, que gelo falsaran, mas no el arnés, que fuerte era; y el Doncel firió al uno por cima del escudo, é cortóselo fasta la embrazadura, é la espada alcanzó en el hombro; de guisa que con la punta le cortó la carne é los huesos, que el arnés no le valió; é al tirar la espada fue el caballero en tierra; é fuése al otro, que lo heria con su espada, é dióle por cima del yelmo, é hirióle de tanta fuerza en la cabeza, que lo fizo abrazar con la cerviz del caballo, y dejóse caer por no le atender otro golpe.*¹¹⁵

Logo após, *Doncel* encontra uma donzela que confessa a ele: alguns homens “*la querian matar*”¹¹⁶. O texto segue com uma verdadeira apologia à bravura que o cavaleiro deve ter, e *Doncel del Mar*:

llegándose al mayor dellos, le trabó de la hacha, é dióle tan herida con el cuento, que lo batió en tierra; los otros comenzáronlo á ferir, mas él dio al uno tal golpe, que lo hendió fasta los ojos, é hirió á otro en el hombro, é cortóle hasta los huesos de los costados. Cuando los

¹¹³ Foi-me muito útil como exemplo de análise e sugiro a leitura de Jacques LE GOFF e Pierre VIDAL-NAQUET. “Lévi-Strauss na Broceliândia: esboço para a análise de um romance cortês”. In: LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994, pg. 171-206.

¹¹⁴ Esta personagem é dita sempre *alevosa*, ou seja, é sorrateira, trapaceira, desleal. Faz diversas profecias durante a história, e tem características de uma feiticeira, como fica explícito em uma passagem em que se encontra com Gandáles: “*Y él, que la vió doncella de primero, que á su parecer no pasaba de diez y ocho años, violá tan vieja é tan lasa, que se maravilló cómo en el palafrén se podía tener, é comenzóse á santiguar de aquella maravilla.*” *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo II, pg. 7, coluna B.

¹¹⁵ *Amadis, Opus Cit.*, capítulo IV, pg. 13, coluna A. Verifica-se que o “h” e o “f” são intercambiáveis. A expressão “*echó mano*” significa “lançar mão”, “*arnés*” é a cota de malha e “*cerviz del caballo*” é seu dorso. COROMINAS, *Opus Cit.*, pg. 223-224, 62 e 147.

¹¹⁶ *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo V, pg. 14, coluna A.

*otros vieron estos dos muertos de tales golpes, no fueron seguros é comenzaron á huir; y él tiró al uno la hacha , que bien media pierna le cortó, é dijo á la doncella: «Id adelante; que mal hayan cuantos tienen por derecho que ningún villano ponga mano en dueña ni en doncella.»*¹¹⁷

Na seqüência, o futuro *Amadis*, lutando sozinho, mata dois cavaleiros e uma dezena de peões – “*villanos, malos*”¹¹⁸ – que maltratavam e torturavam seu pai, rei *Perion*. Os exemplos são tantos que seria possível transcrever aqui quase todo livro, já que não se passa praticamente nenhuma página sem que algum embate aconteça. Uma relação freqüente que encontra-se no romance é a associação do cavaleiro à figura do leão. As intenções são visíveis: mostrar ao leitor que o cavaleiro ali presente teria a mesma força, bravura e coragem que o animal¹¹⁹. Quando o rei *Perion* vai enfrentar o rei *Abies* da Irlanda, que atormenta suas terras, seu filho *Amadis* entra num embate contra *Galain*, um cavaleiro do rei irlandês. Quando o cavaleiro de *Gaula* o viu,

*“puso luego mano á su espada, é dejóse correr á los otros como leon sañudo, haciendo maravillas em dar golpes á todas partes; (...) Allí veríades al Doncel del Mar haciendo cosas extrañas, derribando é matando cuantos ante si hallaba, que no habia hombre que lo osase atender, é metíase en los enemigos, haciendo dellos corro, que parecía un leon bravo.”*¹²⁰

É freqüente encontrar também referências a simbologia do leão nas roupas, brasões e na heráldica dos cavaleiros, ao exemplo de *Amadis* que ia armado “*Y el escudo que llevaba habia el campo de oro et dos leones en él azules, el uno contra el otro, como si se quisiesen morder*”¹²¹. A *saña* irá aparecer no contexto da trama como a expressão potencializada deste ímpeto guerreiro. A ela estão sujeitos todos os personagens, e de forma alguma é encarada como negativa. É como um “estado de transe” da batalha¹²², ao qual o cavaleiro pode se “elevator”, e o deve fazer caso almeje

¹¹⁷ *IDEM*, livro I, capítulo V, pg. 14, coluna A. “*Hacha*” significa machado. COROMINAS, *Opus Cit.*, pg. 313.

¹¹⁸ *IDEM*, livro I, capítulo V, pg. 14, coluna A e B.

¹¹⁹ Por mais que não existissem leões no Ocidente, sua imagem estava sacramentada no imaginário medieval. A título de exemplo, lembremos de Ricardo Coração de Leão, ou do romance de Chrétien de TROYES. “*Ivain, o Cavaleiro do Leão*”. *Romances da Távola Redonda*. Tradução de Rosemary C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

¹²⁰ *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo VIII, pg. 20, coluna B. No início do livro o rei *Perion*, que caçava com o rei *Garínter*, já matara um *leon sañudo* que atacou um cervo que estavam caçando. *IDEM*, livro I, Introduccion, pg. 1-2.

¹²¹ *IDEM*, livro I, capítulo IX, pg. 22, coluna A. Um cavaleiro com armas de leão também aparece, em frente ao castelo de *Bradoid*. *IDEM*, livro I, capítulo XI, pg. 25, coluna B.

¹²² A relação com os *berserkr* parece um tanto quanto evidente. Estes guerreiros das sociedades germânicas tinham a capacidade de atingir o êxtase espumando pela boca, ficando alucinados e dominados por uma fúria selvagem e incontrolável durante o combate. Sobre estes guerreiros

ser o maior cavaleiro do mundo – futuro de todo protagonista de uma novela de cavalaria.

Para explicar este e outros aspectos, tomemos o episódio de *Doncel del Mar* e o cavaleiro *Galpano*. Em uma de suas andanças, *Amadis* chega ao *hermoso castillo* de *Galpano*, um senhor que “*mucho dudado y temido de todos era*”. Nos escreve Montalvo que:

*Las dueñas é doncellas que por allí pasaban facíalas subir al castillo, é faciendo dellas su voluntad por fuerza, habíanle jurar que en tanto que él viviese no tomasen otro amigo; é si lo no hacían, descabezábalas; é á los caballeros por el semejante, que se habían do combatir con dos hermanos suyos, é si era tal que los venciese, se combatiese con él; y él era de tanta bondad en armas, que leño osaban en el campo atender; é facíales jurar que se llamasen los vencidos de Galpano, ó les cortaba las cabezas (...).*¹²³

Chegando nas proximidades do castelo, se depara com uma dama que clama por ajuda, dizendo que havia sido “*escarnida de um traidor, é sobre todo, fizome jurar que non haya otro amigo en tanto que él viva*”¹²⁴. Vai com a dama até o portão do castelo, onde avista um cavaleiro, que:

*le dijo con gran soberbia: «Venid, recibiréis vuestra deshonra. – Dejemos eso, dijo el Doncel, al que saberlo puede; mas preguntovos si sois el que hizo fuerza á esta doncella – No, dijo el caballero; mas, que lo fuese, ¿qué seria por ende? – Vengarlo yo, dijo él, si pudiese. – Pues ver quiero yo cómo os combatis.»*¹²⁵

Segue então uma batalha entre os cavaleiros que guardavam o castelo e seus peões contra o jovem e recém feito cavaleiro *Doncel del Mar*. Como os inimigos eram muitos, foi atingido diversas vezes.

*Ellos le firieron el caballo de manera que le derribaron con él, mas levantándose muy sañudo de su caballo que le mataran, fué ferir al caballero con su lanza en la cara, que el hierro salió entre la oreja y el pescuezo, é cayó luego; é tornó á los de pié, que le herían é lo habían llagado en la una espalda, donde perdía mucha sangre; mas tanta era su saña, que lo no sentía, é firió con su espada aquel que lo llagara por la cabeza,*¹²⁶

ensandecidos sugiro L. MUSSET, *Les peuples scandinaves au Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951, pg. 51

¹²³ *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo V, pg. 15, coluna B. Quando o autor fala de “*faciendo dellas su voluntad por fuerza*” está obviamente dizendo com palavras brandas que *Galpano* estuprava as donzelas que por ali passavam.

¹²⁴ *IDEM*, livro I, capítulo VI, pg. 16, coluna A.

¹²⁵ *IBIDEM*.

¹²⁶ *IBIDEM*.

A descrição textual não difere muito da imagem dos guerreiros nórdicos enfurecidos. Depois de massacrar todos do castelo – sem contar os que fugiram por medo ao ver sua força e bravura –, *Amadis* batalha contra *Galpano*, que surge montado em um cavalo branco. Disse *Amadis*:

«Ay caballero soberbio, lleno de villanía, agora compraréis la maldad que fecistes. Armadvos luego; sí no, matarvos he así desarmado; que con los malos como vos se debía tener templanza.»
 (...) Cuando el Doncel se oyó amenazar fué muy sañado, é dijo:
 «Ahora guarde cada uno la suya [cabeça], y el que no la amparare piérdala.»¹²⁷

O episódio de *Galpano* nos fornece indícios para algumas interpretações. Logo no início da passagem, *Amadis* é interpolado por uma donzela que fora injustiçada, e isto propicia o restante do argumento. Portanto, é a necessidade de fazer justiça e restituir a honra – por hora perdida – que moveu o cavaleiro. O discurso do romance legitima o uso da violência, desde que para se fazer justiça à donzela e a todos das redondezas (vê-se a importância do raciocínio construído no capítulo 2.2). Este uso é legitimado pelo próprio rei *Perion*, que o instituiu cavaleiro, e por “*Dios*, [que] enojado que tan gran crueza tanto tiempo pasase, otorgó á la fortuna en pequeño espacio de tiempo tornado fuese al contrario, pagando aquellos malos su maldad.”¹²⁸ Para tanto, a *saña*, que aparece na descrição diversas vezes, é um “artifício”, um estado que *Amadis* recorre para vencer os cavaleiros maldosos e cheios de vilania. Sua ação na batalha, descrita em pormenores, beira uma carnificina e é exposta sem qualquer tipo de ponderação.¹²⁹ O uso da violência é compreendido na práxis do fazer cavaleiresco, assim como o necessário estado de ira e a legitimidade de vingar uma honra ferida.

Ligando os pontos finais, toda a ação de *Amadis* ocorre em conformidade com o “código” da cavalaria. *Galpano* fizera a donzela jurar, e ela só se desvencilharia do juramento com a morte do cavaleiro que a ela estava ligado. Não é sem razão que *Doncel del Mar* mata *Galpano* decapitado pois, pela lógica medieval presente no romance, era dever do *Doncel* como cavaleiro fazê-lo pagar da mesma forma com que matou aos outros. Por fim, percebe-se uma tensão entre o ímpeto de *Amadis* e a moral

¹²⁷ *IBIDEM*, livro I, capítulo VI, pg. 16, coluna B.

¹²⁸ *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo V, pg. 15, coluna B.

¹²⁹ Algumas vezes, entre o texto do romance, aparecem “admoestações”, que são provavelmente adições de Montalvo. Caracterizam-se por fazer uma breve digressão sobre alguns valores morais, ou esclarecer que por mais que no livro apareçam certas atitudes (de modo geral, trata-se das contrárias à Igreja), elas estão erradas, ditando o que seria “correto”. Se fosse do interesse do autor, estaria inserido no texto alguma admoestação falando sobre a violência, a ira ou a *saña*, mas não consta nenhuma.

cavaleiresca da temperança (lutar apenas em estado de igualdade ao adversário, ser dosado) quando diz “*que con los malos como vos se debía tener templanza*”. Ele resiste, mas seu dever de fazer justiça insiste em tentar bradar mais alto que a temperança¹³⁰. Poderíamos insinuar se algo semelhante não deveria acontecer com a ira, contudo, esta não é repreendida em nenhum momento.

A soberba é claramente colocada em oposição frontal aos valores primados por *Amadis*. Na mesma passagem de *Galpano*, os cavaleiros vencidos são “*soberbiosos*”, “*llenos de villanía*”, desprezam e subestimam os adversários e falam “*con gran soberbia*”. Outros exemplos se multiplicam pela narrativa. Logo na introdução do livro, o rei *Garínter* havia saído para caçar e encontra dois cavaleiros injustos, “*soberbos y de más maneras*”, que assaltavam um cavaleiro andante. Este era rei *Perion* que, não contrariando a lógica dos valores do romance, obviamente os vence¹³¹. A própria *Urganda la Desconocida* profetiza, falando sobre o futuro de *Amadis*, que o menino encontrado no mar “*hará los soberbios ser de buen talante; este habrá cruera de corazón contra aquellos que se lo merecieren*”¹³².

Alegoria da soberba no *Amadis de Gaula* é o gigante rei *Abies* da Irlanda, que “*era muy amado de su gente, é habia en sí todas buenas maneras, salvo que era soberbio mas que debía*”¹³³. Pouco antes de ser reconhecido como *Amadis, Doncel del Mar* entra em embate para vencer o gigante que, ardiloso, fizera planos contra rei *Perion*, e muito já devastara suas terras. Lutaram a tal ponto que “*salía dellos tanta sangre, que sostenerse era maravilla; mas tan grande era el ardimento que consigo traían, que cuasi dello no se sentían*”¹³⁴. Estupefato, *Abies* pede trégua e *Doncel* nega, justificando:

“*Por tu mal haces este ardimento; que él te pone en este lago, donde no saldrás sin perder la cabeza. (...) E cometiéronse muy mas sañudos que ante, é tan bravos se herían como si entonces comenzaran la batalla é aquel día no hoberan dado golpe.*”¹³⁵

¹³⁰ Em outro episódio, quando *Doncel del Mar* e *Gandalín* ainda são crianças, *Doncel* usa da violência para fazer justiça ao irmão frente a outros garotos, e por esta razão não é punido. *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo II, pg. 8, coluna A.

¹³¹ *Amadis, Opus Cit.*, livro I, Introduccion, pg. 1, coluna A-B.

¹³² *IDEM*, livro I, capítulo II, pg. 7, coluna B.

¹³³ *IBIDEM*, livro I, capítulo IX, pg. 22, coluna A.

¹³⁴ Pode-se perceber quão recorrente é a referência à bravura e ao estado de êxtase. *IDEM*, livro I, capítulo IX, pg. 22, coluna B. “*Ardimento*” provém de “ardido”, “intrépido”. *COROMINAS, Opus Cit.*, pg. 60.

¹³⁵ *Amadis*, livro I, capítulo IX, pg. 22, coluna B.

A atitude de *Doncel del Mar* pode parecer perversa e até contrária aos valores da cavalaria, uma vez que o adversário pediu uma trégua. Contudo, está pleno de sentido, já que a batalha serviria para se fazer justiça pelas mãos do cavaleiro, e desta fortuna o rei *Abies* não escaparia. Ao final, com *Doncel* vitorioso, surge uma fala mais que significativa do gigante irlandês: “*Verdaderamente muerto soy, mas no vencido, é bien creo que me mató mi soberbia*”¹³⁶. A soberba ocupa um espaço de contraposição aos ideais de cavalaria e bem-agir expostos no romance¹³⁷. Se não é diametralmente oposta à ira ou *saña*, devido à natureza das mesmas, o é ao ideal cavaleiresco, onde a ira e a *saña* estão compreendidas. Mesmo assim, é sobretudo aos soberbos que os cavaleiros direcionam as garras da ira em seus momentos de fúria, surgidos justamente pela motivação dos primeiros. Ainda assim, a soberba não está associada diretamente à idéia de pecado, que pouquíssimas vezes aparece na narrativa.

A personalidade idealizada do cavaleiro andante se opõe às características dos tipos soberbos no romance: não querendo ser reconhecido por suas façanhas, escondendo até quando for possível seu nome, esconde-se atrás do elmo, etc. Em uma passagem um tanto irônica, *Amadis* é obrigado a combater um cavaleiro que insistia que fosse respondido o que lhe foi perguntado: o seu nome. Ele o vence uma vez, e é obrigado a vencê-lo uma segunda vez, dada a insistência do sujeito, e “*mucho riyeron todos de la paciencia del uno, é de la grande soberbia del otro*”¹³⁸.

Há situações no livro que a *saña* ganha um significado diferente do identificado até então. Quando desencadeada nos corpos dos soberbos, malvados, injustos, das bestas ou monstros e dos malfeitores ela carrega um caráter negativo. É o que se lê quando Montalvo descreve o gigante *Gandalác*, natural de *Leonís*, que surge na história para seqüestrar *Galaor*, filho de *Perion* e *Elisena*, irmão de *Amadis*: “*llamábase el Gandalac, é no era tan facedor de mal como los otros gigantes, antes era de buen talante fasta que era sañudo; mas después que lo era hacia grandes cruexas*”¹³⁹. Não é à toa também que *Abies* seja um gigante, pois o mundo medieval associava as maldades da alma ou de caráter às disfunções, deformidades e aspectos grotescos do corpo¹⁴⁰. A

¹³⁶ *IDEM*.

¹³⁷ Quase ao final do livro, temos a seguinte citação: “*mi señor, de recibir mi embajada, quitada aparte toda saña é pasión, é sobre todo, la malvada soberbia, enemiga de toda virtud é conciencia.*” *Amadis*, livro IV, capítulo XXXII, pg. 326, coluna A.

¹³⁸ *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo VIII, pg. 19, coluna A-B.

¹³⁹ *IDEM.*, livro I, capítulo III, pg. 9, coluna B.

¹⁴⁰ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2005, pg. 316 e 322.

saña torna-se negativa não por sua essência, mas quando é “utilizada” de forma inapropriada. No caso do romance, por pessoas ligadas à soberba ou ao meio selvagem.

Resta um questionamento: o entendimento da ira como positiva se estenderia ao meio particular, ou não? Ou seja, valer-se da ira ou ficar *sañado* por ofensas, maldizeres, etc., envolvendo mais alguém especificamente do que um bem comum, ainda seria legítimo? O cavaleiro pode fazer justiça – também – a seu proveito?

Quando o cavaleiro casado com *Urganda* mata em batalha outro cavaleiro com o qual ela o teria traído o romance silencia, não condena a atitude¹⁴¹. Na célebre passagem em que *Doncel del Mar* está sendo hospedado por *Perion*, o rei de *Gaula* suspeita que está sendo traído por sua mulher *Elisena* devido ao anel de *Amadis*.¹⁴²

E tomando su espada, entró en la cámara de la Reina, y cerrada la puerta, dijo: «Dueña, vos me negastes siempre el anillo que yo os diera, y el Doncel del Mar halo dado agora á Melicia; ¿cómo pudo ser esto? Que veisle aquí. Decidme de qué parte le hobo, é si me mentís, vuestra cabeza lo pagará.»¹⁴³

Elisena conta o triste fim que teve seu filho, o que até então escondera, e como foi obrigada a jogá-lo ao mar, colocando junto um dos anéis. Os dois procuram *Doncel del Mar* e descobrem que ele é mesmo o filho perdido dos dois, sendo a partir de então chamado de *Amadis de Gaula*.

O uso da violência parece ser, senão autorizado, ao menos consentido no ambiente privado. A despeito de um suposto discurso misógino¹⁴⁴, *Ungan el Picardo*¹⁴⁵ pede ao rei *Perion* que “no habrás *saña* de aquella que tanto te ama, en ninguna sazón” quando vai lhe contar do filho que teria com *Elisena*, mas se perdeu. Se lembrarmos do que diz Valdemar Vedel (citado em 2.2), de que a vida nesta sociedade cortesã é essencialmente externa, o antagonismo se desfaz. Não existia diferenciação entre o externo e o privado. O cavaleiro deveria honrar seu juramento, e a sua própria

¹⁴¹ *Urganda* tenta matar seu marido enfiando a mão e apertando as feridas dele, que sobrevivera a batalha, mas ficara muito ferido. *Doncel del Mar* resgata-o a tempo e o leva a um eremita, que o cura dos ferimentos. *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo IV, pg. 12, coluna B.

¹⁴² A história é surpreendente por sua sutileza. Rei *Perion* teria dado a sua mulher *Elisena* a muitos anos dois anéis idênticos, sendo que um deles nunca mais se vira, dizendo *Elisena* que o havia perdido. Cito a passagem: “*El Rey hobo sospecha de la Reina, que la gran bondad del Doncel del Mar, junto con la su muy demasiada fermosura, no la hubiesen puesto en algun pensamiento indebido.*” *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo X, pg. 23, coluna B.

¹⁴³ *IDEM*, livro I, capítulo X, pg. 24, coluna A.

¹⁴⁴ Sobre a misoginia ver: BLOCH, R. Howard. *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Editora 34, 1995. Para a realidade hispânica, ver: SEGURA GRAINO, C. *Feminismo y Misoginia en la Literatura Espanola*. Narcea, 2001.

¹⁴⁵ Um clérigo que aparece apenas uma vez nos *libros*, chamado por *Perion* para interpretar um sonho seu. *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo II, pg. 6, coluna B.

honra faz parte dele. Se for feita justiça, não seria em todo condenado se a violência e a *saña* se voltasse, até mesmo, contra mulheres – veja o caso do rei *Perion*, que desbanca a porta do quarto de sua esposa quando pensa que está sendo traído. Mas ainda assim, se possível, a pena se reverteria a um homem – seu “responsável legal”, vide o caso de *Urganda la Desconocida* –, e existe um discurso que tenta tolher as atitudes contra as minorias.

Dedico estas derradeiras linhas desta apreciação a uma passagem clássica do *Amadis de Gaula* – senão for a mais famosa de todo o romance. Apenas esboçarei alguns apontamentos, já que é preciso ir um tanto além da minha opção de pesquisa para comprová-los.

O envolvimento de *Amadis* com *Briolanja*, ainda no primeiro livro, criou em sua amada Oriana uma desconfiança de traição, um desgosto com aquela situação¹⁴⁶. Quando as provas necessárias e as palavras trazidas pelo Anão chegaram aos seus ouvidos, Oriana foi:

*“á la ira é saña sojuzgada, é puesta en tan grande alteración, que muy poco fruto sacaron Mabilia ni la doncella de Denamarca de los verdaderos consejos que por ellas le fueran dados; (...) todo lo mas del tiempo estaba sola, pensando cómo podría, en venganza de sí saña, dar la pena que merecia aquel que la causara”*¹⁴⁷

Oriana se achava injustiçada por supostamente ser enganada pelo cavaleiro em que depositava todo seu amor. É tomada pela ira e pela *saña*, e neste acesso resolve mandar uma carta a *Amadis*, dizendo muitas verdades, além de não querer mais vê-lo em sua frente:

*porque sed cierto que el muy encendido amor que vos habia es tornado, por vuestro merescimiento, en muy rabiosa é cruel saña; é con vuestra quebrantada fe é sábios engaños id á engañar otra cativa mujer como yo, que así me vencí de vuestras engañosas palabras, de las cuales ninguna salva ni excusa serán recibidas; (...) «Yo soy la doncella ferida de punta de espada por el corazon, é vos sois el que me feristes.» (...) habiendo leido las fuertes é temerosas palabras que en ella venían, no bastó el esfuerzo ni el juicio que claramente no mostrase ser llegado á la cruel muerte, con tantas lágrimas, con tantos suspiros, que no parecía sino ser hecho pedazos su corazón; quedando tan desmayado é fuera de sentido, como si el ánima ya de las cantes partida fuera.*¹⁴⁸

Ao ler a carta, o mundo de *Amadis* esfacela-se. Perdendo seu amor, desiste também da cavalaria, abandonando as duas coisas que mais prezava na Terra.

¹⁴⁶ Já descrevemos brevemente o episódio no capítulo 2.1. Ela está contida no *Amadis, Opus Cit.*, livro II, capítulo I-V, pg. 110-121.

¹⁴⁷ *IDEM*, livro II, capítulo I, pg. 111, coluna A.

¹⁴⁸ *IDEM*.

Desesperado e sem poder ao menos se justificar, despede-se dos mais próximos, doa suas armas e armadura e foge desmontado, embrenhando-se na floresta até que “*no vió sino espesas matas, é hobo gran placer, creyendo que muy apartado y escondido estaba*”¹⁴⁹. *Amadis* passa por um período de penitência, isolando-se na *Peña Pobre*, e muda seu nome para *Beltenebrós*.

Esta passagem é complexa. Primeiramente, não é uma invenção do *Amadis de Gaula*, é um *topos* literário dos romances e da literatura medieval¹⁵⁰. O ciúmes e a ira de *Oriana* dão origem ao desespero e à loucura de *Amadis*. A *saña* revela-se como *sandia* (vide o início deste capítulo), como desespero. Estamos nos limites entre a ira, o amor e a loucura. O amor entre a dama e o cavaleiro levou-os, respectivamente, à *saña* e à perda do tino. *Beltenebrós* é o herói em penitência. A antiga dualidade entre o amor e a morte mostra sua atualidade. O cavaleiro mortifica-se, culpabilizado pela sua atitude e de sua dona. A ira voltou suas dentadas e arranhões contra si mesma.

O isolamento na floresta tem um significado profundo. Segundo Paul Zumthor, ela é um “*no man’s land*”¹⁵¹, é o “*recet*” (ao mesmo tempo “refúgio” e “retiro”), é o lugar da precariedade, do “selvagismo”, o espaço para soltar a loucura¹⁵². Segundo Le Goff, a floresta ocupa no ocidente o lugar que o deserto ocupava no oriente¹⁵³ e “*todos, a bem dizer, lá foram principalmente para marginalizar-se, para ali ter um comportamento de homens da natureza que fugiam ao mundo da cultura em todos os sentidos da palavra*”¹⁵⁴. A reintegração de *Amadis* ao mundo cortesão se dará justamente por um eremita, que é um resquício de cultura neste sub-mundo natural e selvagem, ponto de contato com a sociedade organizada¹⁵⁵. Mas estamos longe demais do nosso tema, e está já é outra História.

¹⁴⁹ *IDEM*. livro II, capítulo II, pg. 113, coluna A.

¹⁵⁰ Já foi citado neste trabalho, mas temos a fúria de *Erec*, n’*A Demanda do Santo Graal*; A fuga de Tristão e Isolda para a floresta de *Morois*; A loucura de *Lancelot*; o poema *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto; sem esquecer de *Ivain* que, mais ou menos da mesma forma que *Amadis*, não cumpre uma promessa a sua esposa e é repudiado por ela, enlouquece e foge da corte de *Artur* embrenhando-se na floresta; entre tantos outros que poderíamos citar.

¹⁵¹ ZUMTHOR, Paul. *La Medida del Mundo: representación del espacio en la Edad Media*. Madri: Cátedra, 1994, pg. 64.

¹⁵² *IDEM*, pg. 67.

¹⁵³ LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994, pg. 88.

¹⁵⁴ *IDEM*, pg. 90.

¹⁵⁵ Para Jacques Le Goff grande oposição do ocidente medieval não seria entre campo e cidade, como na antiguidade. A oposição se daria entre a cultura (mundo habitado, cultivado, construído) e a natureza (o que é selvagem, o mar, a floresta). *IBIDEM*, pg. 96-98.

Quando adentrávamos o romance, no início desta análise, lançamos três perguntas norteadoras que foram sendo respondidas no decorrer do capítulo, e agora as retomamos. A ira para o romance é principalmente *saña* que, tendo seu lugar na lógica do ideário cavaleiresco, funciona como catalisador do desenlace narrativo. É um estado ao qual os sujeitos do romance podem se elevar, sempre com sentido positivo, sendo associado ao leão com certa frequência. Quando na pele do cavaleiro, é dosada na medida que compreende-se dentro de seu “código” de valores, para se fazer justiça e para retomar e manter a honra frente aos “mallos, soberbos e “villanos”. Estes valores são difíceis de se manter, como disse o rei *Perion* a *Doncel del Mar* quando o tornou cavaleiro:

*¿Ya os esforzais para mantener caballería? Sabed que es ligero de haber é grave de mantener; é quien este nombre de caballería ganar quisiere é mantenerlo en su honra, tantas é tan graves son las cosas que ha de facer, que muchas veces se le enoja el corazon; é si tal caballero es que por miedo ó cobardía deja de facer lo que conviene, mas le valdria la muerte que en vergüenza vivir, é por ende ternia por bien que por algun tiempo os sufrais.*¹⁵⁶

Seria a *saña* então um mal necessário? Não é o que a abordagem ao livro nos mostrou. A concepção de pecado nem se aproxima da ira nas páginas do romance, e a *saña*, pela cavalaria, se opõe aos “soberbosos” e à “soberbia”, o mais presente e mais forte entre todos os males – ainda que não descrito como pecado. O cavaleiro é o detentor legal da violência, tem o direito de vingar, e precisa fazer sua ira “obedecer” aos seus ideais. Os aspectos negativos da *saña* só irão transparecer quando desencadeada em monstros ou mal-feitores, pois estes não conseguem dosá-la com temperança. Os atos enfurecidos tomam sentido e agregam significação a partir do fazer do cavaleiro, como vemos no pensamento de *Amadis* antes de sua batalha com o rei *Abies* da Irlanda:

*porque él deseaba la batalla mas que otra cosa, y esto era por dos cosas: una por se probar con aquel que tan loado por el mejor caballero del mundo era, é la otra porque si lo venciase seria la guerra partida, é podria ir á ver á su señora Oriana, que en ella era lodo su corazón é sus deseos.*¹⁵⁷

Retratados estão os dois maiores desejos do cavaleiro: de um lado a cavalaria, do outro o amor idealizado. A *saña* ou ira insere-se nesta busca, alçando o herói em seus

¹⁵⁶ *Amadis, Opus Cit.*, livro I, capítulo IV, pg. 10, coluna B.

¹⁵⁷ *IDEM*, livro I, capítulo VIII, pg. 21, coluna B.

feitos e honrarias. Quando os dois maiores valores do cavaleiro se embatem e o seu universo se quebra, a ira revela-se aos protagonistas na estranha forma de *insânia*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No longínquo início deste trabalho, pensando tratar-se de uma ambigüidade, perguntávamos se era possível que a Igreja Cristã despejasse uma proposta de entendimento para as atitudes eufóricas pelos seus manuais de confesores e de confissão, conquanto que os romances de cavalaria também espalhavam um discurso um tanto quanto contrário, como um reflexo do meio nobre. Na Península Ibérica a questão tomava ainda mais força, pois existe uma rica literatura confessional nos séculos finais da Idade Média, assim como os *libros de caballerías* que se popularizaram por aquelas redondezas no final do século XV. Propondo fazer uma análise de uma literatura laica, perguntava-se: como a ira apresentava-se em um romance de cavalaria? Que influências de outras concepções sobre a ela mostram-se presentes? Fomos nos debruçar no *Amadis de Gaula* para averiguar como a ira fora entendida no ideal cavaleiresco da Península Ibérica entre os séculos XV e XVI.

Transpassando a obra de um lado a outro para conhecer seus meandros, identificamos a forte ascendência francesa do *Amadis de Gaula* e de todo o ciclo de *libros de caballerías* hispânicos, que devem muito de seu existir à matéria da Bretanha. Os modos de ver e pensar o mundo presentes nos romances são, em parte, herdados dali. Mas, ao mesmo tempo, são novidade: os valores cortesãos, a cavalaria e a literatura cavaleiresca se modifica quando chega à península, obedecendo a outras lógicas, em outros tempos. Isso nos levou a delinear, pensando na formação da literatura cavaleiresca e do cavaleiro, o que seria o conceito de “ideal cavaleiresco ibérico”, um ideal cortesão, nova concepção de amor que é de fidelidade, um novo sistema de conduta.

As primeiras reminiscências de outras formas de pensar a ira presentes no *Amadis* foram sendo identificadas na medida em que se contemplava a pluralidade destes pensamentos. Na narrativa, a *saña* ocupa um papel central no ideal cavaleiresco, como catalisadora do desenvolvimento da trama. Sempre vista com bons olhos, nunca é definida como um pecado, e toma posição contrária aos maus e à soberba. A suposta

ambigüidade, que no início supomos existir, não se sustenta. O discurso religioso dos pecados capitais não adentra diretamente a narrativa¹⁵⁸.

A nobreza soube utilizar muito bem o espaço dos romances, difundindo uma imagem do cavaleiro como alguém que pode fazer o uso legal da violência, que pode vingar-se e irar-se. No ideal cavaleiresco ibérico representado nos *libros*, a *saña* é um artifício do qual os cavaleiros podem lançar mão, contudo, deve ser tolhida e “usada” com temperança. Também tem sua pluralidade na narrativa, podendo se apresentar como ira, *saña*, raiva, *insânia*, loucura, etc.

O leitor atento certamente percebeu que a maior parte das passagens citadas neste trabalho faz parte do primeiro livro de *Amadis*, com algumas incursões no livro segundo e breves indicações para o terceiro e o quarto. Pela brevidade deste relato, foi necessário fazer esta escolha para não comprometer onexo e a relação entre os argumentos. Para os futuros passos da pesquisa, sugiro que se busque (a) comprovar os apontamentos dispostos aqui com uma leitura mais extensiva da obra, privilegiando as comparações entre livros I, II e III com o IV, que foi adição de Montalvo; (b) pensar os conceitos como *honra*, violência, vingança e principalmente justiça no ideal cavaleiresco ibérico, relacionando-os com a *saña*, e verificando a possibilidade de aproximação com a teoria da “guerra justa”; e (c) debruçar-se sobre as fronteiras da ira com a insânia e a loucura, buscando compreender as diversas facetas e peculiaridades com que poderiam se expressar.

A literatura cavaleiresca ibérica representa uma instituição, um modo de ser e pensar preciso, que é o ideal de comportamento nobre e aristocrático. Uma arte de viver que implica polidez, elegância, amor cortês, fidelidade e o sentido da honra cavaleiresca. Mais que uma mera distração, o *Amadis de Gaula* foi um recurso pedagógico de ensino e difusão destas concepções, e a valorização da ira ou *saña* no romance é o reflexo de um grupo social que tenta manter seu prestígio em um mundo que se transforma¹⁵⁹.

¹⁵⁸ A soberba não é taxada como um pecado toda vez que aparece, mas é de longe o maior de todos os males. Isso se dá muito por causa do sistema do *setenário*, que se imbricou no mundo medieval.

¹⁵⁹ RUCQUOI, Adeline. “A justaposição de três coroas” e “Uma herança complexa”. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995, pg. 205-212.

5. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 FONTES DIGITALIZADAS

Amadis de Gaula. Los quatro libros de Amadis de gaula nueuamente impressos & hystoriados en Seuilla. Sevilha: Iacobo y Iuan Cromberger, 1526. Disponível em: <<http://purl.pt/921>> Acesso em: 10/11/2010.

5.2 FONTES IMPRESSAS

Amadis de Gaula. In: Felicidad BUENDIA (Editor). *Libros de caballerias españoles.* Madri: Aguilar, 1954, 297-1052.

Amadis de Gaula. Los Quatro Libros del Esforzado et Virtuoso Caballero Amadís, Hijo del Rey Perion de Gaula y de la Reina Elisena, versão de 1533. In: *Libros de Caballerias,* Biblioteca de Autores Españoles, Tomo XL. Madrid: Atlas, 1950, 1-402. Edição de 1857 disponível em <http://books.google.com/books?id=XVzFJbRc_sC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>, acessado em 11/11/2010.

Amadis de Gaula – clássicos portugueses / trechos escolhidos. Seleção, tradução e argumento de F. Costa MARQUES. Lisboa: Livraria Clássica, 1942.

5.3 DEMAIS OBRAS CONSULTADAS

ARCIPRESTE DE HITA. *Libro de buen amor.* Versión por María Brey MARIÑO (Odres Nuevos). Madrid: Editorial Castalia, 1995.

ARIOSTO, Lodovico. *Orlando Furioso.* 1521. Acessado em: 11/11/2010 e disponível em: <<http://www.gutenberg.org/dirs/etext03/7ofur10.txt>>.

Cantar de Mio Cid, O. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

CHRÉTIEN DE TROYES. *Perceval ou O Romance do Graal.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Demanda do Santo Graal, A. Edição de Augusto MAGNE. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1944, 3 vols.

GEOFFREY OF MONMOUTH. *Histories of the Kings of Britain.* London: G. M. Dent, 1944.

MARTIN PÉREZ. *El libro de las confesiones: una radiografía de la sociedad medieval hispana.* Edição de Antonio GARCIA Y GARCIA, Bernardo ALONSO RODRIGUES e Francisco CANTELAR RODRIGUEZ. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

MARTINHO DE BRAGA. *De Ira.* Estudo, edição crítica, tradução e comentário por Paulo Farmhouse ALBERTO. *Mediaevalia*, n° 4. Porto: 1993.

Orto do esposo. Edição de Bertil MALER, 3 vol. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954-1964.

Roman de Tristan et Iseut, Le. Compilação e edição de Joseph BÉDIER. Paris: L'Édition D'Art, 1946.

Romance de Tristão e Isolda, O. Compilação e edição de Joseph BÉDIER. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Sergas de Esplandian, Las. Las Sergas del Muy Esforzado Caballero Esplandian, Hijo del Excelente Rey Amadis de Gaula, versão de 1542 e 1588. In: *Libros de Caballerias,* Biblioteca de Autores Españoles, Tomo XL. Madrid: Atlas, 1950, 403-561.

Tratado de Confissom (Chaves, 8 de agosto de 1489). Leitura diplomática e estudo bibliográfico por José V. De PINA MARTINS. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.

Virgeu de Consolaçon. Edição crítica de Albino de Bem Veiga. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1959.

5.4 BIBLIOGRAFIA

ALBERTO, Rodrigo M. “Perdendo a Cabeça: notas sobre a ira insana e a loucura furiosa no Ocidente medieval (XIII-XV)”. *Aedos – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, vol.2, n°2. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <www.ufrgs.br/ppghist/aedos> Acesso em: 05/07/2009.

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo.* São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. *Linhagens do Estado Absolutista.* São Paulo: Brasiliense, 2004.

- ARIÈS, Philippe. “A História das Mentalidades”. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, 205-236.
- ASHTON, John. *Romances of Chivalry told and illustrated in fac-simile*. Londres: T. Fisher Unwin, 1887.
- BACELLAR, Carlos. “Fontes documentais. Uso e mau uso dos arquivos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, pg. 23-79.
- BACKES, Jean-Louis. “O Graal”. In: Pierre BRUNEL (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, 421-429.
- BASCHET, Jérôme. “Os Modelos de Transição”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, nº8. Rio de Janeiro: 2006, 9-32.
- _____. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.
- BERMON, Emmanuel. “A teoria das paixões em santo Agostinho”. In: BESNIÉR, Bernard; MOREAU, Pierre-François; RENAULT, Laurence. *As Paixões Antigas e Medievais: teorias e críticas das paixões*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, 199-226.
- BEYSTERVELDT, Antony van. “El amor caballeresco del Amadís y el Tirante”. *Hispanic Review*, vol. 49, nº 4. Outono, 1981, pg. 407-425. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/472746>> e acessado em 11/10/2010.
- BIBLIOTECA DA UNISINOS. *Guia para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos (artigo de periódico, dissertação, projeto, trabalho de conclusão de curso e tese)*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2010. Acessado em 11/10/2010 e disponível em: <<http://www.unisinos.br/biblioteca/>>.
- BLACK, Jeremy. A Evolução até 1800. In: *Mapas e História: construindo imagens do passado*. Bauru: EDUSC, 2005, 13-58.
- BLANC, Odile. “Les stratégies de la parure dans le divertissement chevaleresque (XV^e siècle)”. *Communications*, 46, 1987, pg. 49-65. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 10/11/2010.
- BOURDIEU, Pierre. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região”. In: *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989, pg. 107-132.
- BOUTET, Dominique; STRUBEL, Armand. *Littérature, politique et société dans la France du Moyen Age*. Paris: PUF, 1979.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. “A Governança de Portugal Durante a Viagem de D. Manuel a Castela e Aragão (1498)”. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM (UERJ, 7-9 de julho de 1999)*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001, 255-267.
- BRAIDA, Francesca. “A escrita poética do sonho enquanto instrumento da transmissão de saber na Idade Média”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, nº10. Rio de Janeiro: 2008, 15-34.
- BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- BRUYNE, Edgar de. “Capítulo VII: La Teoría del Alegorismo”. *Estudios de Estetica Medieval*, vol.2. Madri: Gredos, c.1959, 316-384.
- BURKE, James. “Medieval Spanish prose”. In: GIES, David T. (Org.). *The Cambridge History of Spanish Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pg. 95-114. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=FDemQ8FOQC&source=gbs_navlinks_s> e acessado em 11/11/2010.
- CARMONA, Fernando. “Ideología de un motivo literario: el don contraignant o don en blanco en el Amadís de Gaula”. *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, nº 27, 2004, pg. 141-158. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 10/11/2010.
- CARRETO, Carlos F. Clamote. “A Verdade dos Simulacros: a (re)criação do mundo na narrativa medieval”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, nº8. Rio de Janeiro: 2006, 33-79
- CASAGRANDE, Carla. “I sette vizi capitali: storia di un successo”. Conferência apresentada no *Seminário Internacional Os pecados capitais na Idade Média*, promovido pelo GT de Estudos Medievais da ANPUHRS, em 13-15 de setembro de 2004 (Porto Alegre, RS).
- CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. “Pecado”. In: Jacques LE GOFF e Jean-Claude SCHMITT. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.2. Bauru: EDUSC, 2006, 337-351.
- _____. *Histoire des péchés capitaux au Moyen Age*. Paris: Aubier, 2006.
- CASAURAN, Nicole. “Amadis de Gaule en 1540: un nouveau « roman de chevalerie »?”. *Cahiers Saulnier: Les Amadis en France du XVI^e Siècle*, nº 17, 2000, pg. 21-39.
- CASTRO, Bernardo Monteiro de. *Sexo, Diabo e Loucura nas Cantigas de Santa Maria*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PUCMG, 1996.

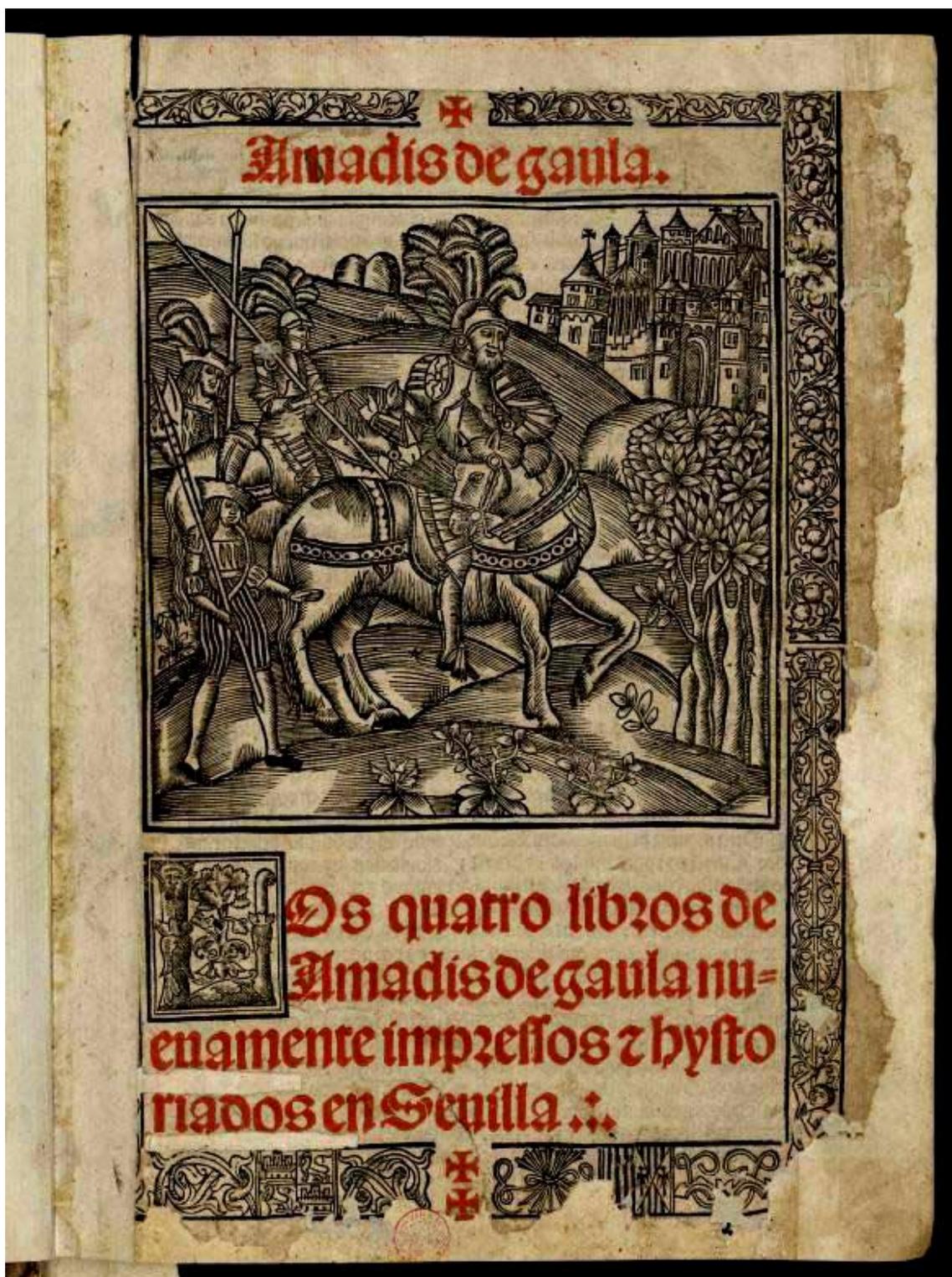
- CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". In: *À beira da falésia: A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, pg. 61-79.
- _____. "A história entre narrativa e conhecimento". In: *À beira da falésia: A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, pg. 81-100.
- _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. "Textos, impressão, leituras". In: HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pg. 211-238.
- CHEVALIER, Maxime. "Le roman de chevalerie morigéné: le *Florisando*". *Bulletin Hispanique*. Tomo 60, n° 4, 1958, pg. 441-449. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 10/11/2010.
- COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1998.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo: templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- DEVOTO, Daniel. "Amadís de Galia". *Bulletin Hispanique*. Tomo 74, n° 3-4, 1972, pg. 406-435. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 10/11/2010.
- DURÁN, Armando. "La 'Amplificatio' en la Literatura Caballeresca Española". *MLN*, vol. 86, n° 2, Hispanic Issue, 1971, pg. 123-135. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2907610>> e acessado em 11/11/2010.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução de Gilson Cesar Cardozo de Souza (22ª ed., 176 pg.). São Paulo: Perspectiva, 2009.
- EISENBERG, Daniel; MARÍN PINA, M.ª Carmen. *Bibliografía de los libros de caballerías castellanos*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2000, 516 pg. Disponível em <www.cervantesvirtual.com> e acessado em 11/11/2010.
- ELMIR, Cláudio Pereira. "O caso Binjamin Wilkomirski: a dupla invenção da memória". *Anos 90*, vol. 15, n° 28. Porto Alegre: 2008, pg. 41-55. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7954/4741>> e acessado em: 11/11/2010.
- ENTWISTLE, William J. *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*. Lisboa: INL, 1942.
- FERREIRA, Vera Lucia Pian. *Livro da ensinança do bem cavalgar toda sela: contradições entre o mundo mental da nobreza e as transformações econômicas e sociais no século XV em Portugal*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- FLORI, Jean. *Cavalaria*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.1. Bauru: EDUSC, 2006, 185-199.
- FRUGONI, Chiara. *Invenções da Idade Média: óculos, livros, bancos e outras invenções geniais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GAUVARD, Claude. *Violência*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.2. Bauru: EDUSC, 2006, 605-612.
- GAYANGOS, Pascual de. "Discurso Preliminar" e "Catálogo Razonado de los Libros de Caballerias Que Hay en Lengua Castellana ó Portuguesa, Hasta el Año de 1800". In: *Libros de Caballerias*, Biblioteca de Autores Españoles, Tomo XL. Madrid: Atlas, 1950, III-LXXXVII.
- GÉNICOT, Léopold. "Nobreza". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.2. Bauru: EDUSC, 2006, 279-291.
- GERLI, Michael. "The antecedents of the novel in sixteenth-century Spain". In: GIES, David (Org.). *The Cambridge History of Spanish Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pg 178-200. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=FDe_emQ8FOQC&source=gbs_navlinks_s> e acessado em 11/11/2010.
- GONZÁLEZ, Javier Roberto. "La espada rota o dividida: su función en el *Amadís de Gaula*". *Estudios Filológicos*, n° 32, 1997, pg. 73-81. Disponível em: <www.scielo.cl> e acessado em 10/11/2010.
- HEERS, Jacques. *História Medieval*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- HEUSCH, Carlos. "Femmes et violences dans les fueros castillans du Moyen Âge". *CLCHM*, n° 28, 2005, pg. 307-339. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 10/11/2010.
- _____. "La translation chevaleresque dans la Castille médiévale entre modélisation et stratégie discursive (à propos de Esc. h-I-13) ". *CLCHM*, n° 28, 2005, pg. 93-130. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 10/11/2010.
- HUIZINGA, Johann. *O Declínio da Idade Média: um estudo das formas de vida, pensamento e arte em França e nos Países Baixos nos séculos XIV e XV*. Lisboa: Ed. Ulisseia, [1960?].
- LANCNER, Laurence Harf. "Melusina". In: Pierre BRUNEL (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, 627-630.
- LAUAND, Luiz Jean. "São Tomás de Aquino e os pecados capitais". *Notandum*, vol. 6, n° 10. Porto: 2003, 39-44.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2005.

- _____. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.
- _____. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- LARA, Sílvia Hunold. “Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico”. *Anos 90*, vol. 15, nº 28. Porto Alegre: 2008, pg. 17-39. Acessado em: 11/10/2010 e disponível em: <www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7953/4740>.
- LOPES, Graça Videira. Geografias Imaginárias Espaço e Aventura no Amadis de Gaula. In: *A Imagem do Mundo na Idade Média*. Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, ICALP, 1992, pp. 207-213. Acessado em 10/11/2010 e disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/amadis.pdf>.
- LOZANO, José Gimenez. “El carro de heno y dos estancias mas”. In: Vários Autores. *Pecado, poder y sociedad em la Historia*. Valladolid: Instituto de Historia de Simancas, 1992, pg. 13-39.
- MACEDO, José Rivair. A ira em textos luso-castelhanos dos séculos XIV e XV. In: *Raízes medievais do Brasil moderno* (Actas do colóquio, 2 a 5 de novembro de 2007). Lisboa: Academia Portuguesa de História / Centro de História da Universidade de Lisboa / Centro de História da Sociedade e da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008, 111-134.
- _____. “Conquistas Bárbaras”. In: Demétrio MAGNOLI (org.). *História das Guerras*. São Paulo: Ed. Contexto, 2008, 77-97.
- _____. (Org.). *Os Estudos Medievais no Brasil - catálogo de dissertações e teses: filosofia, história e letras (1990-2002)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- _____. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: Editora da Universidade UFRGS/Editora UNESP, 2000.
- MARTIN, G.; NIDERSRT, A.. “O Cid”. In: Pierre BRUNEL (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, 167-175.
- MARX, Jean. *La Légende Arthurienne et Le Graal*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- MATTOSO, José. “Pecados Secretos”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, nº 2. São Paulo: 2000, 11-42.
- MEDEIROS, Filipa. “Historiografia de uma Novela de Cavalaria Peninsular: O Amadis de Gaula – Estado da Questão e ‘Bibliografia Comentada’”. *Medievalista On Line*, Ano 2, nº 2. Lisboa: 2006. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>> Acesso em: 05/07/2009.
- MEGALE, Heitor. *A Demanda do Santo Graal: das origens ao código português*. São Paulo: Ateliê, 2001.
- MELLO E SOUZA, Laura de. “Idade Média e Época Moderna: fronteiras e problemas”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, nº7. São Paulo: 2005, 223-248.
- MENDES FILHO, Edmo de Abreu. *Escritura e Ascese no Leal Conselheiro de El-Rei D. Duarte*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRGS, 1993.
- MOISÉS, Massaud. “Sedução e Cortesia: o Graal como prêmio”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, nº10. Rio de Janeiro: 2008, 73-94.
- MORA, George. “Chapter 4 - Mental Disturbances, Unusual Mental States, and Their Interpretation during the Middle Ages”. In: WALLACE IV, Edwin, R.; GACH, John (editors). *History of Psychiatry and Medical Psychology*. Section Two, Part 1. 2008, 199-226. Disponível em <<http://www.springerlink.com/content/m5x3g73642742417/>> e acessado em 11/11/2010.
- MOYA CASAS, Pablo César. *Los Siervos del Demonio: aproximación a la narrativa medieval*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2000.
- NAVARRO, Andrea Mariana. “El resurgimiento de la caballería nobiliaria en la política de Alfonso”. *Temas Medievales*, vol. 12, nº 1. Buenos Aires: 2004, pg. 177-191. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0327-50942004000100009> e acessado em 11/11/2010.
- NIETO SORIA, José Manuel. “Tiempos y lugares de realeza sagrada en la Castilla de los siglos XII-XV”. In: HENRIET, Patrick (org.). *A la recherche de légimités chrétiennes : représentations de l'espace et du temps dans l'Espagne médiévale*. Cahiers de Linguistique et de Civilisation Hispaniques Médiévales, Annexe 15, 2003, pg. 263-284.
- _____. “La nobleza y el « poderío real absoluto » en la Castilla del siglo XV”. *CLCHM*, nº 25, 2002, pg. 237-254. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 11/11/2010.
- NORDIN, Nei Marcos Aibar. “O Ideário Cavalheiresco e o Universo Arturiano nas Crônicas de Fernão Lopes”. In: *Anos 90*, nº 16 (2001/2002). Porto Alegre: 2002, 189-208.
- _____. *Moço que tal faz, coração tem decerto pra mais: o ideal de cavalaria na obra de Fernão Lopes na construção do Personagem Nuno Álvares Pereira*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

- OLIVEIRA, Terezinha. “Resenha Crítica de ‘Sobre o ensino (De Magistro). Os sete pecados capitais’, de Luiz Jean Lauand”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, nº4. São Paulo: FAPESP, 2002, 277-282.
- PATLAGEAN, Evelyne. “A História do Imaginário”. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, 391-427.
- PÉREZ LÓPEZ, José Luis. “Otra noticia del Amadís de Gaula anterior a Montalvo una referência a Beltenebrós”. *Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica*, n.9. Madrid: Editiro Univ. Complut., 1990, pg. 208-209. Acessado em 12/11/2010 e disponível em: <<http://revistas.ucm.es/flil/02122952/articulos/DICE9090110207A.PDF>>
- PITTA, Maria Helena Abrantes. *A Demanda do Santo Graal: obediência e transgressão na prática cavaleiresca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- PLACE, Edwin B. “Amadis of Gaul, Wales, or What?” *Hispanic Review*, vol. 23, nº 2. Abril, 1955, pg. 99-107. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/470917>> e acessado em 11/11/2010.
- _____. The Amadís Question. *Speculum*, vol. 25, nº 3. Jul., 1950, pg. 357-366. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2854164>> e acessado em 12/11/2010.
- RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Amor Cortesão*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.1. Bauru: EDUSC, 2006, 47-55.
- RIBEIRO, Marília de Azambuja. *O Orlando o Furioso e o ideal de “nobreza” na Ferrara renascentista*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- ROCHWERT, Patricia. “« El buen cauallero ». L’élaboration d’un modèle chevaleresque dans la Chronique de Castille”. *CLCHM*, nº 25, 2002, pg. 87-97. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 11/11/2010.
- RODRÍGUEZ-VELASCO, Jesús. “Re-writing from the margins: a political reading of *Amadís*”. *Cahiers de linguistique hispanique medieval*, nº 31, 2008, pg. 221-232. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 11/11/2010.
- ROSENBLAT, ÁNGEL. *Amadís de Gaula - novela de caballerías refundida y modernizada por Ángel Rosenblat*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1940.
- ROSENFELD, Katharina Holzermayr. *A História e o Conceito na Literatura Medieval*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. “Le « mythe » d’Arthur la royauté et l’idéologie”. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 39º ano, nº 3, 1984, pg. 480-494. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 10/11/2010.
- ROUBAUD, Sylvia. “Encore sur le «Regimiento» et l’«Amadís»”. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Tomo 6. 1970, pg. 435-438. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 11/11/2010.
- _____. “Les manuscrits du «Regimiento de Príncipes» et l’«Amadís»”. *Mélanges de la Casa de Velázquez*, Tomo 5, 1969. pg. 207-222. Disponível em <<http://www.persee.fr>> e acessado em 11/11/2010.
- ROÛBAUD, Sylvia; JOLY, Monique. “‘Cartas son cartas’. Apuntes sobre la carta fuera del género epistolar”. *Criticón*, 30. Toulouse: 1985, pg. 105-125. Acessado em 10/11/2010 e disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/criticon/PDF/030/030_107.pdf>.
- RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.
- RUIZ, Teófilo F. “Viajando pela Planície Castelhana”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, nº4. São Paulo: FAPESP, 2002, 117-152.
- SANSUEÑA, Grupo. “Para una bibliografía del *Amadís de Gaula*. Adiciones a la bibliografía de Daniel Eisenberg”. *Dicenda - Cuadernos de filología hispánica*, nº 5. Madrid: Ed. Univ. Complutense, 1986, pg. 253-261. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/flil/02122952/articulos/DICE8686110253A.PDF>> e acessado em 11/11/2010.
- SANTA ROSA VITERBO, Joaquim de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. 1ª Edição 1798. Edição crítica por Mário Fiúza. Porto: Livraria Civilização, s.d..
- SILVA LIMA, Sheila Conceição. “O pecado da sanha no *Leal Conselheiro*: a capitalidade do desprazer e do desejo da vingança”. Comunicação apresentada no *Seminário Internacional Os pecados capitais na Idade Média*, promovido pelo GT de Estudos Medievais da ANPUHRS, em 13-15 de setembro de 2004 (Porto Alegre, RS).
- SILVEIRA, Aline Dias da. *A Dama Pé-de-Cabra: o pacto feérico na Idade Média ibérica*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval – uma introdução*. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

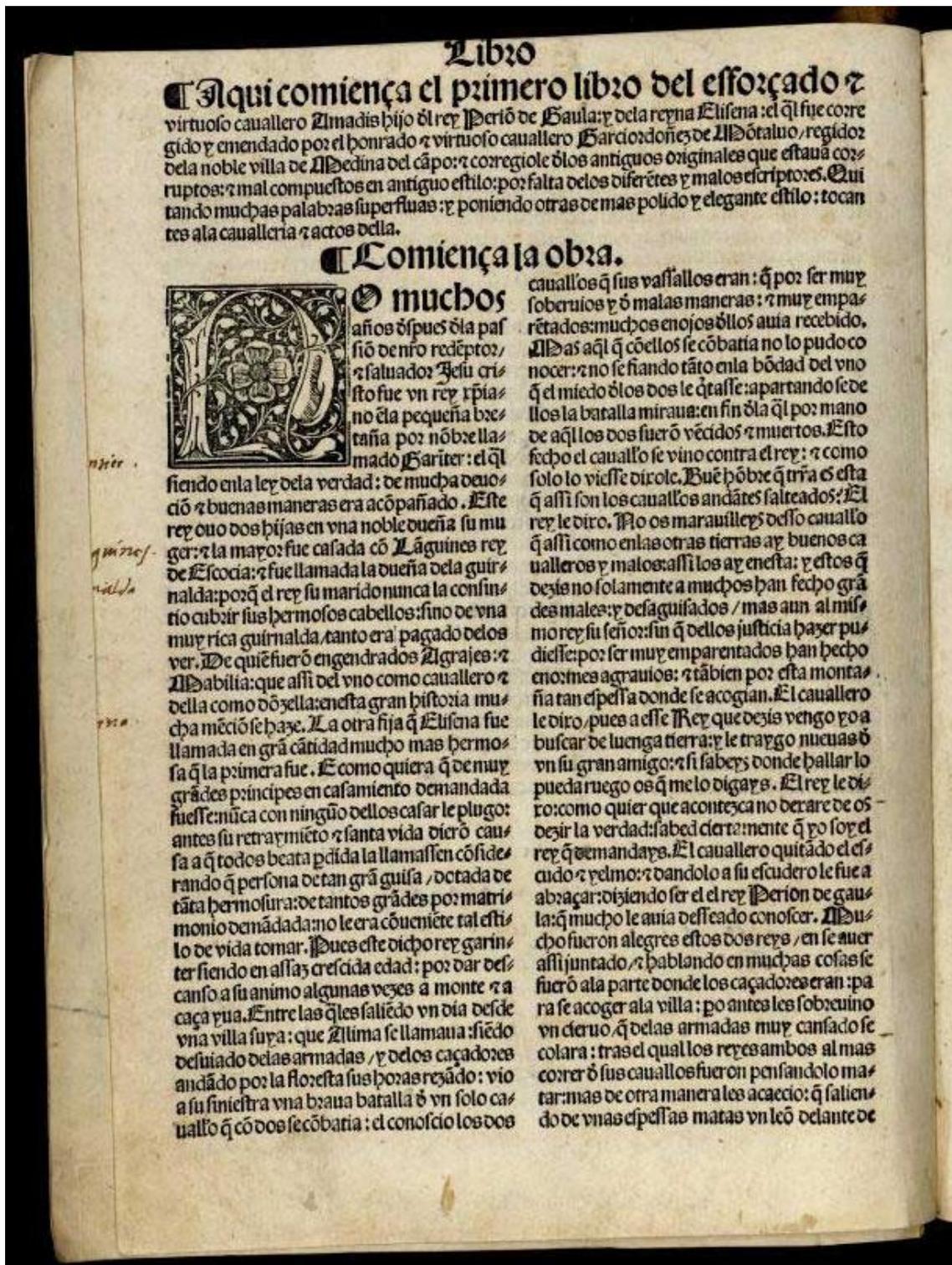
- THOMAS, Henry. *Las Novelas de Caballerías Españolas y Portuguesas: despertar de la novela caballeresca en la Península Ibérica y expansión e influencia en el extranjero*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952.
- _____. “The Palmerin Romances”. *The Library*, TBS-13 (1). Oxford University Press, 1913, pg. 97-144. Disponível em: <<http://library.oxfordjournals.org/content/TBS-13/1.toc>> e acessado em 11/11/2010.
- _____. “The Romance of Amadís of Gaul”. *The Library*, TBS-11(1). Oxford University Press, 1909, pg. 251-297. Disponível em: <<http://library.oxfordjournals.org/content/TBS-11/1.toc>> e acessado em 11/11/2010.
- VEDEL, Valdemar. “Ideales Culturales de la Edad Media”. Tomo I - *Vida de los Heróes*; Tomo II - *Romántica Caballeiresca*; Tomo III - *La Vida en las Ciudades*. Barcelona: Editorial Labor, 1925, 1948, 1947.
- VIEIRA, Yara Frateschi. “O Nome da Dama”. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, n°7. Rio de Janeiro: 2005, 165-188.
- WENZEL, Sigfried. “The seven deadly sins : some problems of research”. *Speculum*, vol. 43, 1968, 1-22.
- ZINK, Michel. “Literatura(s)”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol.2. Bauru: EDUSC, 2006, 79-93.
- _____. “Artur”. In: Pierre BRUNEL (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, 100-109.
- ZUMTHOR, Paul. *La Medida del Mundo: representación del espacio en la Edad Media*. Madri: Cátedra, 1994.
- _____. *A Letra e a Voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Histoire Littéraire de la France Médiévale (VI^e-XIV^e Siècles)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

ANEXO A – PRIMEIRA PÁGINA DA EDIÇÃO DO *AMADIS IMPRESSO EM SEVILHA EM 1526*



Amadis de Gaula. Los quatro libros de Amadis de gaula nueuamente impressos & hystoriados en Sevilla. Sevilha: Iacobo y Iuan Cromberger, 1526. Disponível em: <<http://purl.pt/921>> e acessado em: 10/11/2010.

ANEXO B – PRIMEIRA PÁGINA DO LIVRO PRIMEIRO DA EDIÇÃO DO
 AMADIS IMPRESSO EM SEVILHA EM 1526

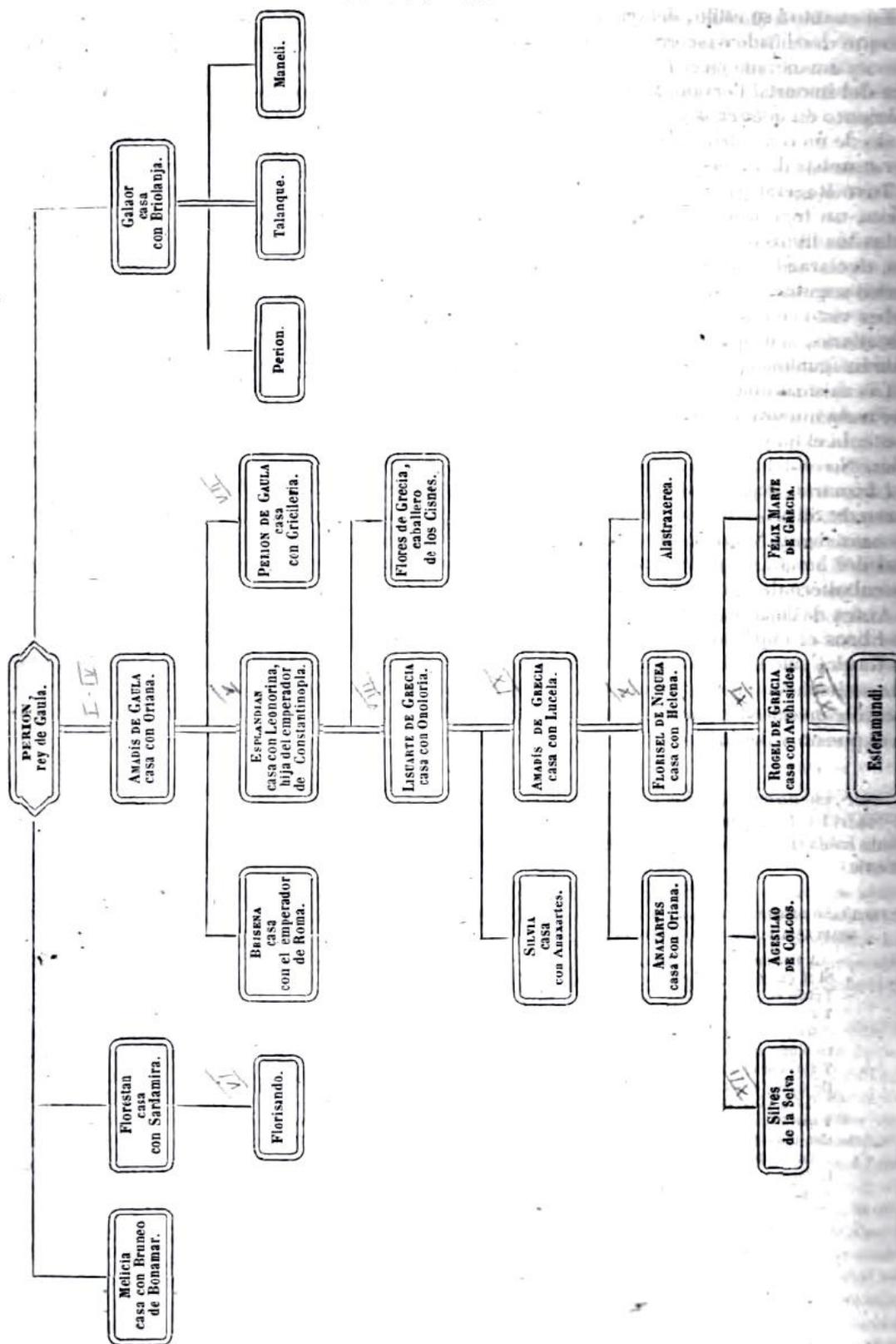


Amadis de Gaula. Los quatro libros de Amadis de gaula nueuamente impressos & hystoriados en Sevilla. Sevilla: Iacobo y Iuan Cromberger, 1526. Disponível em: <<http://purl.pt/921>> e acessado em: 10/11/2010.

ANEXO C – “GENEALOGIA” DE AMADIS DE GAULA – 1950

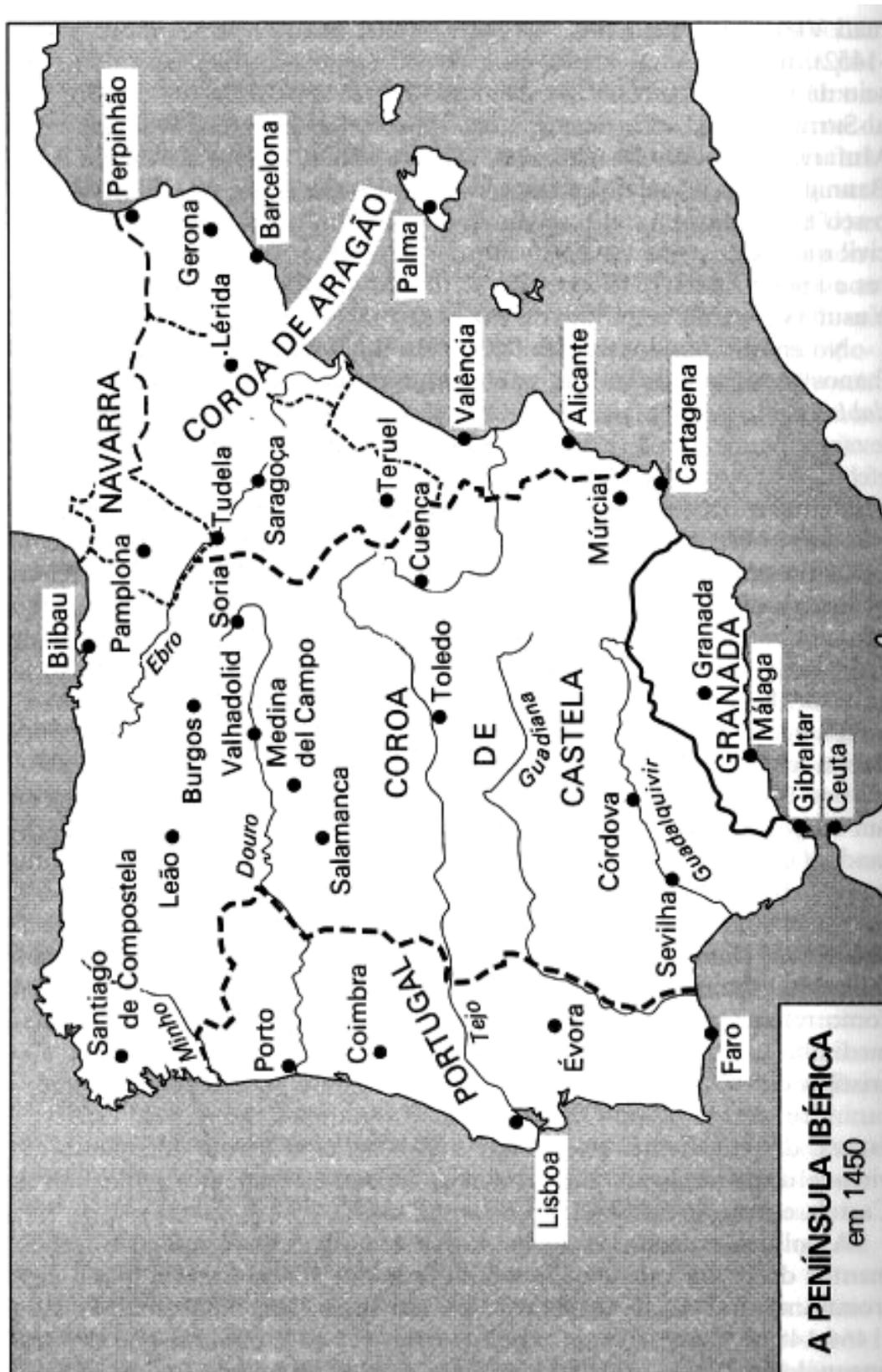
XXXVIII

DISCURSO PRELIMINAR.



GAYANGOS, Pascual de. “Discurso Preliminar” In: *Libros de Caballerias*, Biblioteca de Autores Españoles, Tomo XL. Madrid: Atlas, 1950, pg. XXXVIII.

ANEXO D – MAPA DA PENÍNSULA IBÉRICA EM 1450



RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995, pg. 204.